



Sindicato dos
JORNALISTAS
PROFISSIONAIS NO
ESTADO DE SÃO PAULO

UNIDADE

FENAJ
FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS

CUT
CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES

SET-OUT/21 | Nº 412 | ÓRGÃO OFICIAL DO SINDICATO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS NO ESTADO DE SÃO PAULO | WWW.SJSP.ORG.BR

FOTOJORNALISMO

A vencedora do Prêmio Cabot em 2021, Adriana Zehbrauskas

PAÍS EM CRISE

Bolsonaro tenta golpe para se salvar enquanto o povo afunda

BIG TECHS

Fenaj propõe taxaço e criação de fundo para jornalismo

ENTREVISTA

Flavia Lima fala sobre diversidade nas redações



JORNALISMO E QUADRINHOS

**REPORTAGENS EM HQ SE CONSOLIDAM COMO
FORMATO JORNALÍSTICO E POSSIBILITAM TRABALHOS
COM PROFUNDIDADE DE PESQUISA E APURAÇÃO**

EDITORIAL

E a luta continua!

Q

uerida leitora, querido leitor do *Unidade*,
Nos últimos seis anos, os textos que você leu por aqui foram escritos em sua maioria pelo Paulo Zocchi, jornalista da Editora Abril com décadas de experiência e que esteve à frente de nossa entidade como presidente pelas últimas duas gestões. Caso tenha um olhar atento, deve ter percebido que os editoriais não contavam com a sua assinatura, mas

eram subscritos em nome da diretoria do Sindicato dos Jornalistas. A aversão do Paulo a personalismos de qualquer tipo até ajuda a explicar essa decisão. Mas vai muito além disso: desde o início de seu primeiro mandato, em 2015, a sua preocupação e de toda a diretoria em incluir a categoria de jornalistas no dia a dia de nossa entidade se refletia nas pequenas e nas grandes ações sindicais e políticas adotadas nesses últimos anos. Se há um slogan possível para sintetizar os últimos mandatos, não teria muitas dúvidas em escrever em letras garrafais: “O Sindicato Somos Nós!”.

E foi com esse espírito de dar continuidade às últimas gestões e aprofundar o seu trabalho que assumi a tarefa de ser o presidente deste Sindicato pelos próximos três anos. Antes que eu me esqueça: meu nome é Thiago Tanji, tenho 30 anos, sou jornalista da Editora Globo e faço parte da diretoria de nossa entidade desde 2015. E já que provavelmente essa foi a primeira e a última vez que meu nome aparecerá no texto ou na assinatura de editoriais (afinal, os bons legados devem se manter), deixo um importante registro: diferentemente do brilhante colunista e membro do Conselho Editorial do *Unidade* que nos presenteia com seus textos ao final de cada edição, sou um orgulhoso torcedor da Sociedade Esportiva Palmeiras.

Mas vamos deixar as questões futebolísticas de lado e conversar sobre o trabalho que temos pela frente. E não é preciso ser um brilhante analista de conjuntura para perceber que não são poucas as lutas e os desafios colocados diante de nós. Vivemos um dos momentos mais terríveis de nossa história, em que ser jornalista nunca foi tão difícil. Mas, também, nunca tão essencial. Foi pelo nosso trabalho que a população brasileira não ficou à mercê da perversa máquina de desinformação comandada por Jair Bolsonaro e seus cúmplices, diretamente responsáveis pela deliberada omissão no combate à pandemia, que já deixou 600 mil mortos. Enquanto realizávamos uma cobertura inédita, em busca de dados e explicações, resistimos diariamente aos ataques do governo Bolsonaro, e sua misógina predileção em agredir as jornalistas mulheres. É por tudo isso que desde o último dia 29 de maio — por sinal, data em que a nossa chapa à diretoria foi lançada — estivemos nas ruas das cidades de São Paulo para gritar “Fora Bolsonaro”. Nos últimos meses, carregamos uma

faixa que sintetiza o sentimento de nossa categoria: “Jornalistas repudiam os crimes de Bolsonaro”. E a fracassada tentativa de golpe em 7 de setembro evidencia que o cenário vai se agravar nos próximos meses!

Infelizmente, entretanto, a escalada autoritária não é o único problema que temos de combater. As transformações materiais e tecnológicas que se refletem na maneira como a informação é distribuída têm impactado diretamente a nossa profissão. Temos mais dúvidas do que certezas em relação ao nosso futuro. Frente à invasão do segmento de comunicação no país pelas grandes plataformas multinacionais, as empresas, reunidas em seu restrito clubinho de famílias possuidoras dos principais veículos de imprensa do Brasil, não pestanejam em tomar medidas que atacam as condições de fazer jornalismo: demitem jornalistas, reduzem redações, precarizam, são intransigentes com a categoria e já não exibem mais pudores ao retirar direitos e sequer repor os salários pela inflação.

Ah, a inflação. Como boa parte dos jovens jornalistas que hoje são maioria nas redações e demais empresas, confesso que só li nos livros de História os relatos da corrosão do poder de compra dos trabalhadores frente à desvalorização da moeda, que perdia seu valor de hora em hora (literalmente). Mas se

não enfrentamos uma inflação de muitos dígitos, vivemos sob a batuta de Paulo Guedes um desastre econômico que atinge diretamente o nosso bolso, com o descontrole dos preços de alimentos, combustíveis e demais serviços essenciais. Nossos salários já não dão conta dos boletos que chegam a cada início de mês. Para os menos privilegiados, e ampla maioria do povo brasileiro, o resultado do governo Bolsonaro é a miséria e a fome em massa. E quem anda pelas ruas do centro de São Paulo sabe bem que não há nenhum exagero retórico na sentença anterior.

Diante de tudo isso, não estamos alegres, é certo. Mas, tomando de empréstimo as palavras do poeta russo, por que razão haveríamos de ficar tristes? Em momentos igualmente duros de nossa história — e foram muitos —, nosso Sindicato demonstrou resistência e lutou de maneira intransigente pela democracia. Esse é o nosso compromisso de ontem, de hoje e de sempre. Quando a dureza da realidade bater à porta, lembremos dos exemplos de Vladimir Herzog, Patrícia Galvão, Perseu Abramo, Audálio Dantas e tantos lutadores e lutadoras de todas as horas. É hora da esperança, não do medo.

É por isso que a nova gestão da diretoria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo se coloca à disposição de você, jornalista, para conversar, mobilizar e lutar. Lutar muito, lutar todos os dias. Seja você um profissional da capital, do litoral ou do interior. Um jornalista de carteira assinada de uma grande redação ou um frila que luta contra a precarização. Nosso trabalho sindical se estende a todas e todos, qualquer que seja a sua atuação profissional. Mas só conseguiremos aprofundar o nosso trabalho se realizarmos isso de maneira conjunta. E é por isso que convido para um compromisso nestes próximos três anos: se você já é sindicalizada ou sindicalizado, participe da vida de nossa entidade e convide seus colegas a se juntarem a nós. Se você ainda não se sindicalizou, fica o convite a conhecer o nosso trabalho pelas páginas do *Unidade*, pelas nossas ações cotidianas ou simplesmente batendo um papo com as nossas diretoras e diretores. Afinal de contas, o Sindicato somos nós!

Thiago Tanji, pela Diretoria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo

CONVIDO PARA UM COMPROMISSO NESTES PRÓXIMOS TRÊS ANOS: SE VOCÊ JÁ É SINDICALIZADA OU SINDICALIZADO, PARTICIPE DA VIDA DE NOSSA ENTIDADE E CONVIDE SEUS COLEGAS A SE JUNTAREM A NÓS



UNIDADE

ÓRGÃO OFICIAL DO SINDICATO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS NO ESTADO DE SÃO PAULO

EXPEDIENTE

Diretor responsável Eduardo Viné Boldt **Editora** Priscilla Chandretti **Jornalista** Adriana Franco **Edição de arte** Fábio Bosquê **Capa** Robson Vilalba (ilustração) **Revisão** Cláudio Soares

CONSELHO EDITORIAL

Cinthia Gomes, Decio Trujillo, Fábio Bosquê, Laerte Coutinho, José Hamilton Ribeiro, Juca Kfour, Larissa Gould, Laurindo Lalo Leal Filho, Márcia Regina Quintanilha, Maria Inês Nassif, Mônica Zarattini, Pedro Zavitoski Malavolta e Rodrigo Vianna.

Artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal ou do SJSJ.

Rua Rego Freitas, 530 – Sobreloja. CEP 01220-010. São Paulo – SP Tel: (11) 3217-6299

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente Thiago Tanji **Secretária-geral** Candida Vieira **Finanças e Administração** Cláudio Soares **Interior** Solange Santana **Comunicação e Cultura** Eduardo Viné Boldt **Relações Sindicais e Sociais** José Eduardo de Souza **Sindicalização** Lillian Parise **Jurídica e de Assistência** Larissa Gould **Formação Sindical e Profissional** Cristina Charão

DIRETORES DE AÇÃO SINDICAL

Alan Rodrigues, Guilherme Balza, Paulo Zocchi, Rafael Benaque, Sérgio Kalili, Cláudia Tavares, Evany Sessa, Pedro Pomar, Ana Maria Minadeo, Joanne Mota, Laura Capriglione, Michele Barros, Solange Melendez

COMISSÃO DE REGISTRO E FISCALIZAÇÃO DO EXERCÍCIO PROFISSIONAL (CORFEP)

Cadu Bazilevski, Roberto Parizotti e Sérgio Pais

REGIONAIS

ABCD Rossana Lana (diretora regional), Ana Valim, Peter Suzano, Vilma Amaro
Bauru Camila Fernandes (diretora regional), André Freire, Ricardo Santana, Sérgio Borges, Tânia Brandão
Campinas Marcos Alves (diretor regional), Márcia Quintanilha, Reginaldo Cruz, Valério Paiva
Piracicaba Patrícia Sant'Ana (diretora regional), Adriana Ferezim, Gustavo Annunziato, Martim Vieira, Paulo Roberto Botão
Ribeirão Preto Sérgio Sampaio (diretor regional), Fábio Benedito, Fernando Braga, João Moreira, Marcia Rosseto, Marco Rogério Duarte, Raphael Cruz Pena
Santos Sandro Thadeu (diretor regional), Carlos Norberto Souza, Daniela Origuella, Ernandes Caires de Sousa, Gustavo Miranda, Suely Torres
Sorocaba Adriane Mendes (diretora regional), Fabiana Caramez, Pedro Courbassier
Vale do Paraíba, Litoral Norte e Mantiqueira Rita Dell Aquila (diretora regional), Edvaldo Almeida, Fernanda Soares

CONSELHO FISCAL

Fabio Soares, José Augusto Camargo, Norian Segatto, Pedro Malavolta, Alexandre Linares

sjsj.org.br
unidade@sjsj.org.br
[/JornalistasSP](https://www.facebook.com/JornalistasSP)
[/SindicatoJornalistasSP](https://www.facebook.com/SindicatoJornalistasSP)
[@JornalistasSP](https://www.instagram.com/JornalistasSP)

DESTAQUE

Bolsonaro tenta o golpe, fracassa, e sai barato...

A falta de reação concreta à escalada golpista mostra que o perigo segue à espreita, enquanto há um desastre em curso que atinge a imensa maioria dos brasileiros

por Laura Capriglione*

O presidente Jair Bolsonaro arreganhou os dentes nos atos públicos micados que promoveu em Brasília e São Paulo em 7 de setembro. Jogou tudo para que acontecessem megamanifestações, mas, dos 2 milhões de pessoas que pretendia reunir na avenida Paulista em apoio a seu governo, só conseguiu juntar 125 mil.

Um raivoso Bolsonaro, então, chamou o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), de “canalha” e afrontosamente garantiu que não obedeceria a nenhuma decisão da Suprema Corte brasileira. Mais ainda, ameaçou o presidente do STF, Luiz Fux: “Ou o chefe desse poder [Fux] enquadra o seu [ministro Alexandre de Moraes], ou esse poder pode sofrer aquilo que nós não queremos”.

Depois disso, o país foi inundado por um tsunami de declarações vazias de “repúdio”. Teve Fux dizendo que, “no exercício de seu papel, o Supremo Tribunal Federal não se cansará de pregar fidelidade à Constituição”. E mais não fez, apesar de ser óbvio que Bolsonaro cometeu pelo menos dois crimes de responsabilidade ao dizer que iria descumprir decisões de Moraes e ao ameaçar Fux.

Teve o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP), por seu turno, pedindo moderação de todos os lados (ele, que está sentado em cima de 130 pedidos de impeachment de Bolsonaro).

Teve o ministro Luís Roberto Barroso, lamuriento, dizendo que “já começa a ficar cansativo, no Brasil, ter que repetidamente desmentir falsidades, para que não sejamos dominados pela pós-verdade [sobre a urna eletrônica, uma das bandeiras mais importantes do presidente, para desacreditar as eleições de 2022, que ele sabe que perderá]”.

Dois dias depois das bravatas, um Bolsonaro consciente de que não conseguiria dobrar a aposta no golpe, já que

seu 7 de setembro flopou, lançou uma “Declaração à Nação”, peça retórica indigesta, apesar de curta, escrita pelo *ghost writer* Michel Temer (MDB), o próprio nome do establishment político que o capitão jurou que enterraria. “Nunca tive nenhuma intenção de agredir quaisquer dos Poderes... quero declarar que minhas palavras, por vezes contundentes, decorreram do calor do momento”, disse o presidente, como se fosse um boneco do ventríloquo Temer.

A “Declaração à Nação” foi pensada e escrita com o propósito de colocar água na fervura da crise institucional. E conseguiu. Logo depois, líderes políticos se congratulavam pela moderação manifestada pelo presidente. Gilmar Mendes foi mais longe e, de forma patética, conclamou os cidadãos brasileiros: “Temos de acreditar na boa-fé de Bolsonaro”.

E nada aconteceu, até que o marqueteiro de Michel Temer, Elsinho Mouco, resolveu brindar o Brasil com um vídeo indecoroso, mostrando jornalistas, ricos e líderes de partidos conservadores gargalhando na casa de Naji Nahas, o megaespeculador brasileiro que ficou conhecido pela quebra da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro em 1989. Gargalhavam com uma imitação de Bolsonaro, feita por André Marinho, filho do empresário Paulo Marinho, um dos cabeças da campanha eleitoral que levou o capitão ao Palácio do Planalto (chamaram a atenção as presenças de Johnny Saad, dono da Rádio e TV Bandeirantes, e Antonio Carlos Pereira, editorialista do *Estadão* por muitos anos).

Ou seja, era uma reunião de apoiadores de Bolsonaro, em uma casa milionária no Jardim Europa, em que se ridicularizou o próprio Bolsonaro. O pai do 01, 02, 03 e 04 parecia reduzido ao seu tamanho real: o de marionete da plutocracia que sempre governou o país. Dele pode-se rir, pode-se fazê-lo miar para o Supremo, pode-se fa-



A direita mais estúpida esteve na Paulista. Overdose de ignorância

A DECLARAÇÃO À NAÇÃO FOI PENSADA COM O PROPÓSITO DE COLOCAR ÁGUA NA FERVURA DA CRISE. E CONSEGUIU. LÍDERES FESTEJAVAM A MODERAÇÃO DA NOTA, PARA QUE TUDO CONTINUE COMO ESTÁ

zê-lo pedir desculpas esfarrapadas. Para que tudo fique como está.

Enquanto isso, o país afunda em uma crise econômica assombrosa. O PIB de 2022 crescerá 1% e olhe lá. A miséria e a fome crescem e se multiplicam (é só andar pelo centro das grandes capitais, para ver os vultos desgrenhados e vestidos em andrajos em número cada vez maior). Desespero.

Engana-se, contudo, quem pensa que Bolsonaro tenha desistido, que agora baste esperar a eleição de 2022 para o Brasil encontrar, de novo, o caminho da prosperidade.

A ameaça que Bolsonaro representa segue à espreita, como se viu pela manifestação do dia 7 – em que estive presente a trabalho –, quando uma extrema direita apaixonada por seu líder jurou fidelidade a ele. As 125 mil pessoas lá reunidas podem não ter sido suficientes,

ainda, para o golpe. Mas os ataques ao pouco que resta de democracia no Brasil ainda persistirão.

Afinal, aquele exército que foi à avenida Paulista com camiseta da seleção brasileira ou trajando roupas e bonés de camuflagem, mulheres, homens e crianças gritando, uivando, agitando bandeiras, dançando em frenesi para o Mito, liberavam aquela estranha catarse, libidinosa catarse, que antes foi dirigida a Mussolini ou a Hitler. “Amamos o presidente Bolsonaro!”

Esses “conservadores puro sangue”, antes de mais nada, odeiam. Odeiam os pobres, os indígenas, os LGBTQIA+, a arte, a cultura e a ciência, como antes fizeram os adoradores de Mussolini ou Hitler.

Se considerarmos que as megacorporações religiosas, como a Assembleia de Deus ou a Universal do Reino de Deus, o agronegócio, que financiou os atos de 7 de setembro, as frotas de caminhões, os aparatos militares e paramilitares, as polícias, forças armadas, seguranças privadas, além das milícias, e boa parte da classe média branca, ainda estão fortemente aderidos ao ideário da extrema direita, é preciso todo cuidado.

Bolsonaro ainda pode lançar-se em uma aventura, se perceber que ele ou a sua família podem ser presos. Por outro lado, é pura ilusão depositar qualquer confiança em que Temer ou os ricos que gargalhavam no jantar de Nahas sejam capazes de refrear os ímpetus golpistas do atual ocupante do Palácio da Alvorada. Eles são o próprio bolsonarismo – por isso, correram em socorro do seu protegido, apesar de rirem dele.

Manifestações unitárias de rua pelo “Fora Bolsonaro” e pelas bandeiras de interesse da maioria do povo brasileiro são, mais do que nunca, o único caminho para a vitória contra tanta dor e sofrimento pelos quais o país está passando, incluindo aí o martírio dos mais de 588 mil mortos por covid-19, aos quais o governo, durante tanto tempo, só ofereceu cloroquina. É preciso que todos os democratas – juntos – demonstrem nos quatro cantos do Brasil que esse desgoverno tem de acabar o quanto antes, para que se devolva ao povo o direito de sonhar e ser feliz. ■

* Laura Capriglione, jornalista e diretora do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo

CAPA

Robson Vilalba recebeu o Prêmio Vladimir Herzog por série de reportagens sobre a ditadura militar. O golpe contra a presidenta Dilma foi tema de seu mais recente trabalho



ROBSON VILALBA

O IMPACTO DOS FATOS DESENHADOS

REPORTAGENS EM QUADRINHOS GANHAM ESPAÇO EM LIVROS, NA INTERNET E NOS JORNAIS COMO LINGUAGEM JORNALÍSTICA, RECEBEM PRÊMIOS E PERMITEM QUE REPÓRTERES DESENVOLVAM TRABALHOS COM ABRANGÊNCIA E PROFUNDIDADE SOBRE TEMAS COMPLEXOS

por Eduardo Viné Boldt e Flavio Carranço

O jornalista Jake Halpern e o ilustrador Michael Sloan receberam em 2018 o prêmio Pulitzer, na categoria Editorial Cartooning, por uma série de reportagens publicadas no jornal norte-americano *The New York Times*. A categoria, que costuma premiar charges, optou por escolher uma reportagem de fundo naquele ano. No trabalho premiado, os autores haviam narrado a chegada de dois irmãos sírios nos EUA, fugindo do regime de Bashar al-Assad.

A história da chegada de Jamil e Ammar em solo americano foi acompanhada pelos jornalistas durante um ano, o que resultou em uma série de reportagens em quadrinhos. *Welcome to the New World*, nome dado à série, foi publicada ao longo de 2017.

A comparação com *Maus* foi inevitável. A *graphic novel* premiada em 1992 também pelo Pulitzer é um ensaio que narra os horrores do holocausto na 2ª Guerra Mundial por meio da história vivida por Vladek e Anja, pais do jornalista Art Spiegelman, autor do livro. Ele retratou alegoricamente os judeus como ratos, os poloneses como porcos, os nazistas como gatos e os americanos como cães. O antropomorfismo, usado simbolicamente, acentuou o caráter autoral, dando peso à narrativa gráfica e aos horrores vividos pelos seus pais.

A obra continua sendo referência até hoje, influenciando uma geração de realizadores. Apesar de receberem o reconhecimento em categorias diferentes (a obra de Spiegelman recebeu o prêmio em uma categoria especial) e terem naturezas diferentes (*Maus* é um ensaio autoral, *Welcome to the New World*, uma reportagem), ambas receberam o Pulitzer por terem como base fatos da realidade.

O que mudou significativamente desde a premiação de Art Spiegelman foi a consolidação dos quadrinhos como suporte para narrar histórias reais. Há quem se pergunte se o jornalismo comporta ser expresso por uma narrativa em quadrinhos. O fato é que, nas últimas décadas, o estigma de linguagem voltada à fantasia, ao humor ou a histórias infantis foi diminuindo, ao mesmo tempo em que narrativas densas, muitas vezes biográficas ou autorais, ganharam destaque entre os trabalhos com HQs.

Com isso, os quadrinhos e o jornalismo puderam dialogar para além de charges e tiras. Nos últimos anos, as reportagens passaram a ser reconhecidas e premiadas dentro e fora do Brasil. Ao longo das quase três décadas desde a publicação de *Maus*, autores como Joe Sacco (*Palestina*), Didier Lefèvre e Emmanuel Guibert (*O Fotógrafo*) e, no Brasil, Alexandre de Maio (*Raul*) e Robson Vilalba (*Um Grande*

A reportagem em quadrinhos *Meninas em Jogo* lançou luz sobre o problema da exploração sexual infantil no Ceará

Acordo Nacional) realizaram obras em que as técnicas de ilustração e o trabalho de reportagem puderam construir narrativas jornalísticas de fundo, com tempo de apuração e profundidade característicos de grandes reportagens.

HQ e jornalismo

No final do século 19, o *New York Journal* publicava em suas páginas histórias em quadrinhos. Criadas por Richard Outcault, as tiras do personagem Yellow Kid foram, por muito tempo, consideradas os primeiros quadrinhos em jornais. Não é verdade. Essa abordagem não levava em conta a longa trajetória acumulada em diversos países, no decorrer da história.

Mais propriamente do que uma novidade, pode-se dizer que há uma retomada na utilização da linguagem de histórias em quadrinhos (HQs) para o fazer jornalístico. “Os quadrinhos e o jornalismo nasceram juntos”, afirma Rogério de Campos, autor do livro *Imageria – o nascimento das histórias em quadrinhos* (Veneta, 2015). A obra resgata, ao longo do tempo, manifestações artísticas similares às HQs e a relação intrínseca entre essas obras e a imprensa. “No final da Idade Média, não se sabe exatamente quando, surge a imprensa. É quando aparecem os primeiros quadrinhos. São folhetos descrevendo cenas de crimes, histórias das barbaridades feitas pelos hereges, histórias das orgias dos papas”, conta o autor, diretor editorial da Veneta, importante editora de livros e quadrinhos no país. Essa realidade estendeu-se pelos séculos seguintes, nos quais se desenvolvia a comunicação impressa.

No passado, o Brasil também teve seus autores. Angelo Agostini foi um desenhista ítalo-brasileiro que atuou na imprensa paulista no século 19. Junto com o doutor *honoris causa* póstumo pela USP, o abolicionista Luiz Gama (veja na página 11), fundou o primeiro jornal ilustrado da cidade de São Paulo, o *Diabo Coxo*. O cotidiano no período do Império trazia boas pautas. “Eles ficavam fazendo as notícias na hora, na saída do teatro, desenhando”, diz Campos.

Ele conta que o processo de industrialização da imprensa norte-americana, no final do século 19, alterou os periódicos e a forma como eram feitos e consumidos pelo público. A imprensa “descobre” um formato novo para a utilização das HQs. “Os jornais criam um espaço de quadrinhos de humor por causa da evolução da tecnologia de impressão. Houve uma explosão dos suplementos de humor nos jornais americanos, e aquilo rapidamente fez tanto sucesso que se criou uma indústria”, descreve.

Os grandes jornais norte-americanos então buscaram personagens fixos. As tiras se padronizaram e passaram a ser comercializadas entre os periódicos. “Os quadrinhos foram se encaixando dentro disso”, aponta. Com o tempo, essas histórias deixaram de

MESES E MESES EM UMA PAUTA: A PRODUÇÃO DE MATÉRIAS EM HQ DEMANDA TEMPO, O QUE EM GERAL DISTANCIA ESSE GÊNERO DO NOTICIÁRIO COTIDIANO, DE HARD NEWS

refletir o cotidiano das cidades, sendo tomadas pelo humor e a fantasia.

Na década de 1960, na contramão da indústria de quadrinhos norte-americana desse período, ocupada majoritariamente por super-heróis, autores do *underground* insistiam em narrar o comportamento de sua época. Robert Crumb era um dos que trazia a vivência do dia a dia para as tiras de jornais e publicações independentes com muita verve e talento. O cotidiano voltava a ocupar o suporte, abrindo espaço para uma nova geração de autores.

Histórias de fôlego

Quando abordamos o jornalismo em HQ, é preciso ter em mente que o tempo de produção de uma reportagem em quadrinhos a distancia do noticiário cotidiano, de *hard news*. O processo de produção das HQs demanda tempo, fôlego. “O jornalista fica meses em uma pauta”, observa Campos, citando um dos mais importantes autores desse gênero. “O Joe Sacco fez o que o John Reed fazia: vai lá, bebe junto com os caras, volta e manda a matéria”, explica.

Campos aponta que jornalistas em HQs buscam, por meio do desenho, uma descrição de detalhes, típica do suporte, para dar o peso de realidade à informação abordada. “Aquilo desenhado adquire uma subjetividade, mas também uma objetividade às vezes maior do que quando você vê uma foto ou uma descrição”, afirma. “Por exemplo: o cara estava sentado na mesa. No quadrinho, o artista tem que desenhar o sujeito, tem que desenhar mesa, tem que desenhar o tinteiro. Cada coisa é registrada não ao acaso. Cada coisa tem de estar lá”, salienta.

Sacco é um dos autores de reportagens em quadrinhos com maior reconhecimento mundial. O jornalista apurou, redigiu e desenhou obras importantes nesse formato, como *Palestina* (Veneta, 2021), *Uma*

Menos risco por Alexandre de Maio



CAPA

História de Sarajevo (Conrad, 2005) e *Notas sobre Gaza* (Quadrinhos da Cia, 2010).

Palestina, obra seminal do autor, foi uma realização independente, bancada por recursos próprios, no final de 1991. Ele acompanhou por mais de dois meses a rotina das áreas ocupadas pelo Estado de Israel, vivenciando o dia a dia do povo palestino. Sacco ajudou a redefinir, com sua obra, as características de uma reportagem em quadrinhos. O trabalho originalmente foi publicado em nove edições, de fevereiro de 1993 a outubro de 1995, e até hoje é a principal referência no gênero.

Reportar e desenhar

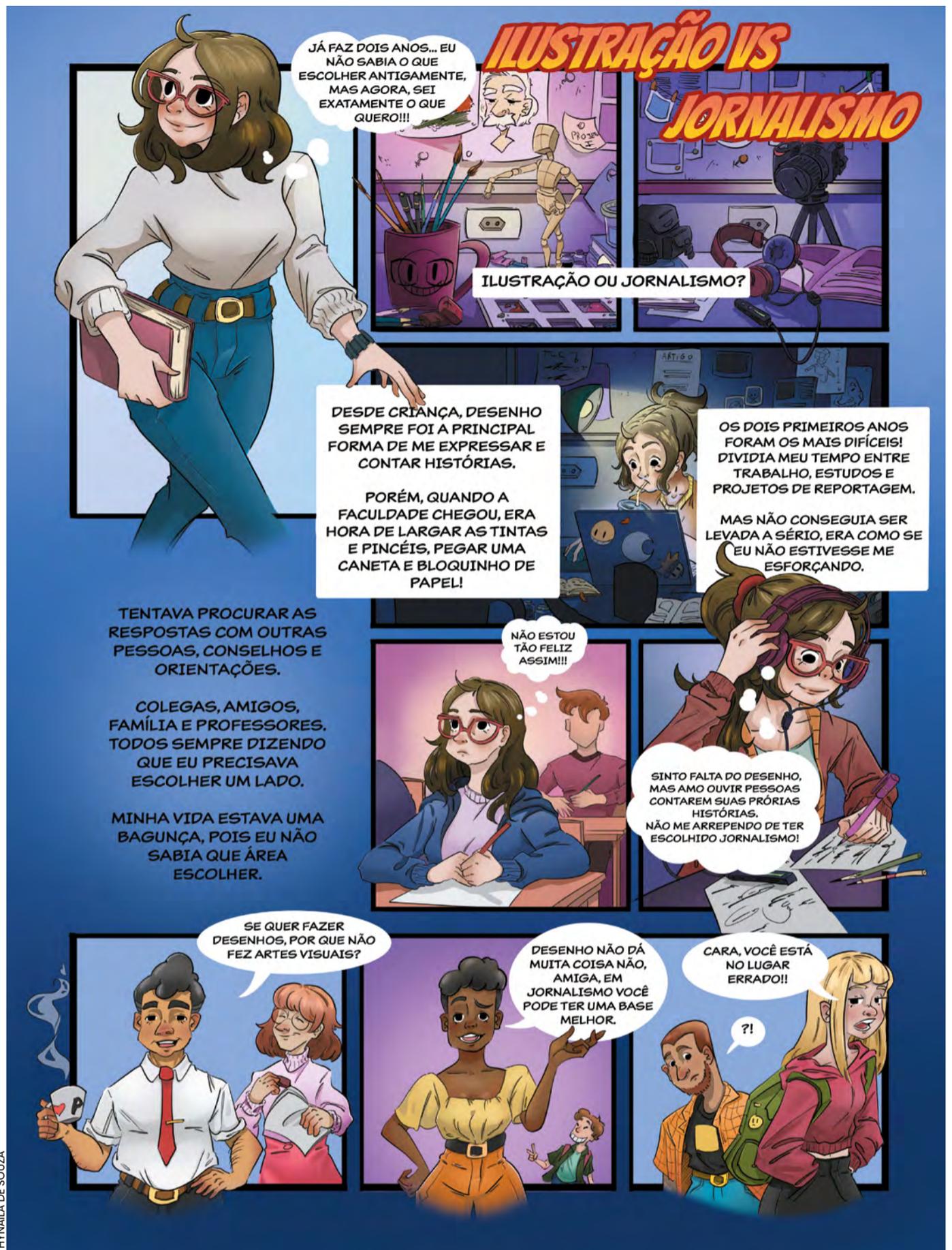
O autor de *Palestina* foi um dos nomes pesquisados pela jornalista Thynaila Moura para o seu trabalho de conclusão de curso. A pesquisa incluía também autores brasileiros. Ela se formou há dois anos e conta que teve muitas dúvidas ao longo de seu curso universitário (veja ao lado).

Thynaila definiu a reportagem em quadrinhos como o seu trabalho de conclusão de curso a partir de uma palestra ocorrida no último ano de faculdade. O evento contou com a presença do jornalista Luiz Fernando Menezes, que produziu, junto com Amanda Ribeiro, o livro *Socorro! Polícia!* (Draco, 2018). A obra ficcional parte dos relatos de dezenas de policiais e agentes de segurança para mostrar os problemas inerentes à atividade policial. Conhecer o processo de produção e dialogar com o palestrante foi decisivo para a escolha da jornalista.

Com apenas seis meses para se formar, Thynaila correu para realizar o seu trabalho: foi para a rua fazer uma reportagem. “Eu já participei de muitos projetos voluntários num centro cultural perto de casa. Conhecia muitos jovens por lá. Então, foquei o meu trabalho neles e comecei a desenvolver as histórias”, relata. Assim nasceu *OZ – Nossa História* (edição da autora), que conta a trajetória da companhia de teatro e capoeira Ozarte, de Osasco.

O Brasil também tem nomes na reportagem em quadrinhos. “Joe Sacco é o Alexandre de Maio dos gringos”, disse certa vez em tom de brincadeira o rapper Emicida. A referência ao rapper paulista no alude também ao início da trajetória profissional de De Maio, que começou numa revista focada no universo hip hop. Depois, enveredou por veículos alternativos, voltados para as atividades dos movimentos sociais, especialmente a luta pelos direitos humanos, e por aí chegou aos grandes veículos de comunicação.

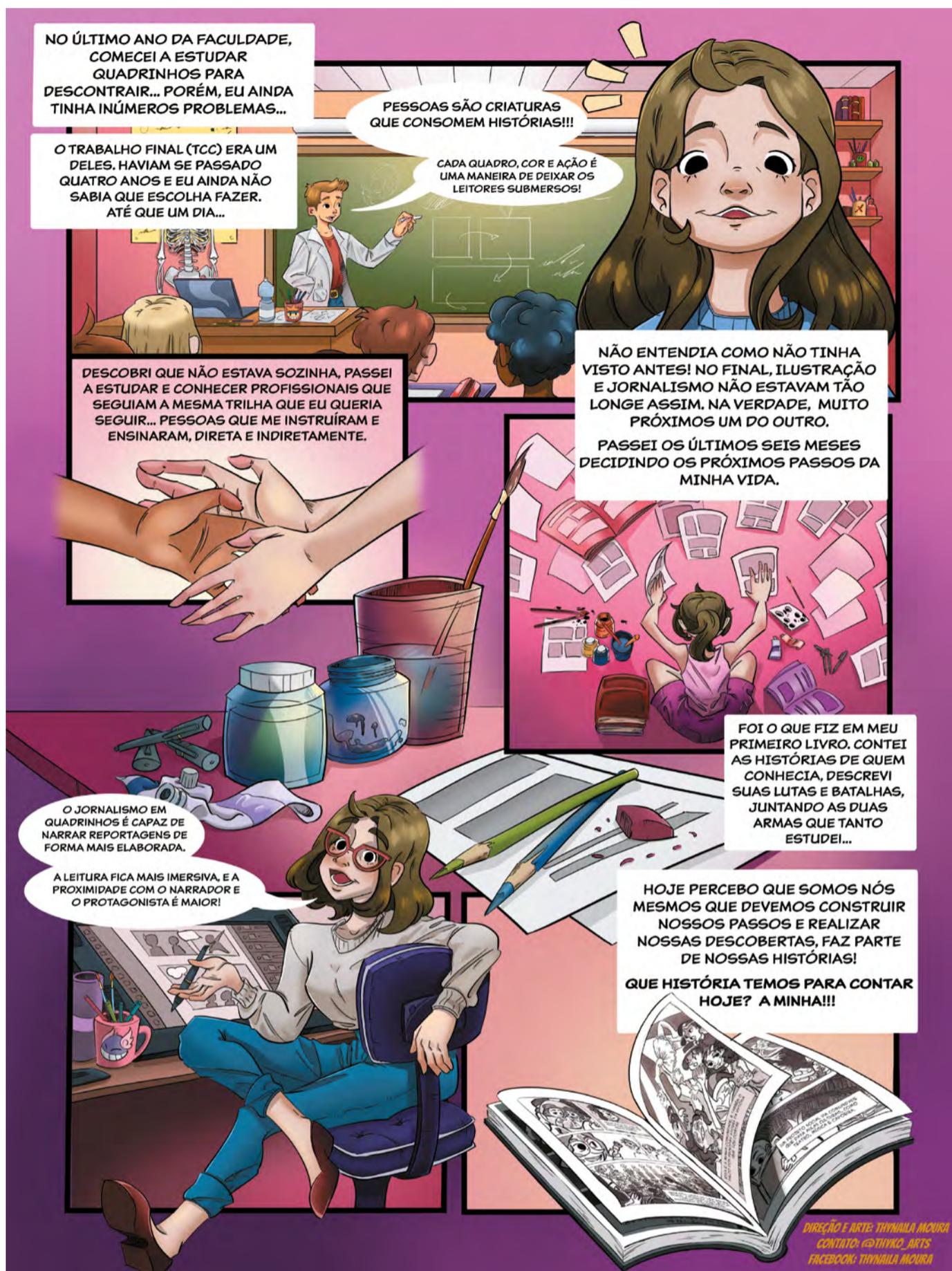
De Maio diz que a maior parte de seu trabalho tem como foco os direitos humanos, mas que também produz jornalismo em quadrinhos sobre outros temas, como esportes. “Acho que direitos humanos e esses tipos de pauta são o que mais me move: 80% do meu trabalho é sobre direitos humanos, e 20% é nessa linha de esportes”, explica.



Em *Notas sobre Gaza*, Joe Sacco ilustra seu processo de produção, desenhando as entrevistas e a sua vivência enquanto realiza a reportagem

Seu ingresso no jornalismo aconteceu em 1999. Depois de abandonar o colegial para fazer um curso de desenho, iniciou uma revista especializada em hip hop, a *Rap Brasil*: “Lancei a revista e comecei a fazer matérias, entrevistas, reportagens. Fui aprendendo o ofício meio que na prática, fazendo jornalismo de cultura de rua, hip hop, e cobrindo a cena cultural da época. Ali, fui trabalhando com jornalismo diariamente”, relembra.

Desde 2006, De Maio se dedica ao jornalismo em quadrinhos. O primeiro grande reconhecimento aconteceu em 2014, quando a reportagem em HQ *Meninas em Jogo*, publicada pela Agência Pública, e feita em parceria com a repórter Andrea Dip, venceu o 7º Concurso Tim Lopes de Jornalismo Investigativo na categoria especial “Violência sexual contra crianças e adolescentes no contexto da Copa do Mundo de 2014”. A partir da apuração



A reportagem em quadrinhos tem características específicas, pouco exploradas pelas faculdades de jornalismo. Thynaila ilustra essa dificuldade durante sua formação

duas páginas, frente e verso. No verso, era o material em quadrinhos, e na frente um material fotográfico”, relembra.

As reportagens publicadas no jornal receberam o Prêmio Vladimir Herzog de Jornalismo e Direitos Humanos na categoria Artes, e serviram como base para o seu primeiro livro, *Notas de um Tempo Silenciado* (Besouro Box, 2015).

Vilalba lançou recentemente *Um Grande Acordo Nacional* (Elefante, 2021). O livro é uma grande reportagem sobre o mais recente golpe sofrido pelo Brasil: o impeachment da presidenta Dilma Rousseff (PT). Tendo como fio condutor a tentativa de entrevistar a presidenta, o jornalista buscou entender os motivos e a dinâmica que levaram à sua derrubada da Presidência.

Saindo do papel

A produção de HQs mais uma vez migra de suporte. Jornais e revistas vêm perdendo força e espaço, sendo substituídos por sites e redes sociais. A expressão em novas plataformas, mais uma vez, alterou a forma de produção e leitura das reportagens em quadrinhos. “Busquei fazer quadrinhos na vertical quando percebi que o principal jeito de ver e acessar ia ser o celular, ia ser um site. Pesquisei bastante a melhor forma de ler HQs no celular, por exemplo”, explica De Maio.

Campos diz que a natureza dos quadrinhos, de se apoiar em desenho e texto, ajudou na mudança do analógico para o digital. “Não é à toa que os quadrinhos tiveram uma expansão tão grande nesse período da internet da web, porque as pessoas que leem quadrinhos adaptaram-se muito rapidamente à tecnologia de leitura na tela do computador. Educaram-se mais rápido do que quem estava lendo livros”, afirma Campos.

A diminuição dos veículos para a publicação, contudo, faz com que os profissionais busquem outras formas para se expressar. “Com a decadência do analógico, o fim dos jornais e das revistas, eu estava meio sem perspectivas. Estou feliz por estar achando outro caminho. Até sonho um dia em fazer alguma coisa com animação”, projeta Vilalba.

Animação também é uma forma já apropriada pelo jornalismo. O documentário *Valsa com Bashir* (2008), do diretor israelense Ari Folman, é uma expressão disso: animação realizada a partir de entrevistas e fatos reais. Mas isso é para uma outra história. De qualquer forma, os desafios enfrentados pelos jornalistas, frutos de mudanças estruturais nos veículos de comunicação, não são um problema apenas daqueles que se dedicam a realizar suas reportagens em HQs. É uma questão colocada para o conjunto da categoria, que busca formas de afirmar o jornalismo profissional – em todas as suas expressões –, enfaticamente, mais necessário do que nunca no Brasil que vivemos nos dias de hoje. ■

de fatos e do trabalho de campo realizado pelos jornalistas no Ceará (veja na página 5), a série lança luz sobre o tema da exploração sexual de meninas. A repercussão positiva do trabalho abriu o caminho para os grandes veículos impressos.

Em 2018 publicou, pela Editora Elefante, *Raul*, seu primeiro livro de jornalismo em quadrinhos, no qual narra a história de um personagem que conheceu ainda garoto na Baixada do Glicério, região central da capital. Raul, nome fictício, era um garoto que amava Snoop Dog e 50 Cent, tentou a sorte no mundo do rap, teve um vislumbre do sucesso, mas acabou no crime. A partir de longas entrevistas com ele, De Maio reconstrói a trajetória desse Raul, gíria da quebrada para se referir aos criminosos que aplicam o golpe do cartão dentro de agências bancárias.

Robson Vilalba, por sua vez, consolidou-se profissionalmente a partir de reporta-

gens publicadas em veículos tradicionais. O jornalista começou sua carreira na *Tribuna de Rondonópolis*, no Mato Grosso. Com o tempo, percebeu que precisava enriquecer seu repertório para avançar no trabalho como chargista de política do jornal. Foi estudar ciências sociais.

Hoje, mestre em sociologia, uniu seu talento de ilustrador com as bases de sua formação acadêmica. Não sem ajuda do acaso. “Estava estudando ciências sociais quando fui comprar um *Batman*. Vi que tinha os quadrinhos de um cara chamado Joe Sacco, *Derrotista*, que é autobiográfico. Quando li aquilo, falei: cara, dá para fazer isso aqui”, relata.

Vilalba passou a colaborar com periódicos em Curitiba (PR). Foi quando, convidado pela *Gazeta do Povo*, publicou uma reportagem em quadrinhos sobre os 50 anos do golpe militar de 1964. “Eles pensaram em fazer um especial, e reservaram

QUADRINHOS MIGRAM DAS PUBLICAÇÕES IMPRESSAS PARA O SUPORTE DIGITAL, PROCESSO FACILITADO POR SE TRATAR DE UM MEIO DE EXPRESSÃO APOIADO EM DESENHO E TEXTO

FOTOJORNALISMO



Reportagens que salvam destinos

Fotos Adriana Zehbrauskas

Ao vencer o Maria Moors Cabot 2021 – uma das condecorações jornalísticas internacionais mais antigas –, a já premiada fotojornalista Adriana Zehbrauskas revelou-se surpresa. Surpresa e honrada, especialmente por ser uma premiação jornalística. “Mas [o prêmio] também chega com muita responsabilidade – o trabalho não termina aí. Sinto que agora, mais do que nunca, é preciso seguir trabalhando com ainda mais dedicação e ética para estar à altura dessa honra”, disse ao *Unidade*.

Adriana procura histórias que possam revelar a realidade. Do recente terremoto que novamente assolou o Haiti ao desaparecimento de meninas e mulheres indígenas nos Estados Unidos; da travessia dos imigrantes hondurenhos pelo México na tentativa de chegar aos Estados Unidos aos registros familiares em comunidades violentadas e ameaçadas de extinção no México e na Colômbia, as reportagens fotográficas da jornalista extrapolam em humanidade e aproximam o leitor dos personagens de cada uma das histórias.

Parte destes ensaios você confere nas fotos impressas desta edição. Adriana toca o projeto Family Matters, no qual registra famílias e pessoas como forma de salvar seus destinos do esquecimento. Ela revelou que, embora a fotografia impressa tenha sido sempre presente e importante em sua existência, atualmente não imprime uma quantidade de fotos suficiente em sua vida pessoal, mesmo que a fotografia digital tenha proporcionado a facilidade em olhar e registrar os momentos diários da vida. Apesar disso, são as reportagens de Adriana Zehbrauskas que salvam destinos. ■

Texto Adriana Franco



▲ Pijijiapan, estado de Chiapas, México, 25 de outubro de 2018: membros da caravana de migrantes que deixou Honduras em meados de outubro amontoam-se na carroceria de um caminhão ao deixar a cidade, situada no sul do México, em direção à próxima parada

◀ Cidade do México, México, 8 de novembro de 2017: Patricia Robles Orozco (Paty), 68, segura uma foto sua aos 18 anos em seu quarto na Casa Xochiquetzal. Paty era uma vedete, uma estrela de cabaré



▲ El Progreso, Honduras, 1º de julho de 2016: Gabriela Liseth, 13 anos. Enquanto viajava com o pai e os irmãos pelo México para tentar cruzar a fronteira e se juntar à mãe, que vive nos EUA, eles foram sequestrados pelos Zetas e mantidos reféns por 42 dias



◀ San Pedro Sula, Honduras, 8 de junho de 2017: membros de uma gangue local se reúnem em seu esconderijo. Inimigos das gangues Mara Salvatrucha (MS-13) e Barrio 18, sua principal atividade é proteger a vizinhança enquanto traficam drogas em pequena escala e trabalham como assassinos



◀ Phoenix, Arizona, 6 de janeiro de 2021: Aya Iannon (à esquerda) e Ashley mostram suas armas em um comício para protestar contra os resultados das eleições e mostrar apoio ao presidente Donald Trump no Capitólio do Arizona



◀ Les Cayes, Haiti, 14 de agosto de 2021: pessoas esperam na fila, por distribuição de água. O terremoto de magnitude 7,2 que atingiu o sul do país, matando 2.200 pessoas, ocorreu em uma nação já em crise, com poucos representantes legitimamente eleitos e uma administração interina paralisada e impopular



▲ Gallup, Novo México, 13 de dezembro de 2019: Prudence e sua filha Ashley tentam acordar a primogênita, Dani, por quem a família procurou durante dois anos. Milhares de mulheres e meninas indígenas americanas desaparecem todos os anos

FOTOJORNALISMO

Huehuetonoc, Guerrero, México. *Family Matters* é um projeto que nasceu enquanto Adriana trabalhava com as famílias dos 43 alunos da escola rural de professores de Ayotzinapa que desapareceram em setembro de 2014 em Iguala, no sul do México. Nenhum deles tinha fotos de família – tudo o que tinham eram fotos tiradas em seus telefones celulares que foram perdidas ou apagadas acidentalmente. Ninguém imprimiu mais fotos. A essas pessoas não foi negado apenas um futuro com seus entes queridos, mas também um passado – com as fotos perdidas, suas memórias eventualmente desapareceriam. E quem somos nós, sem nossas memórias? É um paradoxo que, nos dias de hoje, a quantidade de imagens produzidas seja maior do que nunca e, no entanto, ninguém as guarda mais.



SINDICAL

Fenaj defende taxaço de plataformas digitais

Proposta quer combater a redução de redações jornalísticas, aprofundada pela apropriação do conteúdo jornalístico pelas Big Techs

Por Adriana Franco

Durante o mês de agosto, a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) realizou a segunda etapa dos seminários “Jornalismo, sim!”, nos quais debateu com entidades sindicais, organizações da sociedade civil e docentes em todas as regiões do Brasil a proposta de criar uma Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide).

A taxa deve ser cobrada das plataformas digitais para fomentar e apoiar o jornalismo, uma vez que as empresas como Google e Facebook, por exemplo, utilizam conteúdo jornalístico de terceiros e lucram com ele, sem dar nenhum retorno aos jornalistas e ao jornalismo por isso. “A maneira pela qual as redes sociais funcionam faz com que se apropriem do conteúdo jornalístico, em geral a título gratuito, sendo a informação jornalística boa parte do que circula nas redes sociais, turbinando o negócio das plataformas e atacando os veículos de comunicação pela via da circulação paga – mais evidente no caso dos veículos impressos – e, por outro lado, drenam outro tripé de receita das empresas que é a publicidade. Com isso, vão simplesmente desidratando as empresas de comunicação brasileiras”, explicou Paulo Zocchi, 1º vice-presidente da Fenaj e diretor do Sindicato dos Jornalistas de SP, durante o seminário da região Sudeste.

Além disso, as plataformas agravaram problemas com a criação de novos monopólios, o aprofundamento dos desertos de notícias, a redução e o fechamento de redações. Com isso, a urgência em se adotar medidas aumenta.

A avaliação da presidenta da Federação Nacional dos Jornalistas, Maria José Braga, é de que os seminários foram positivos por envolver no debate diversas entidades, inclusive de fora do campo da comunicação. Segundo ela, a proposta teve uma recepção favorável em todas as regiões do país. “Foi um esforço muito grande da Fenaj e dos sindicatos para que a discussão não ficasse restrita aos jornalistas e ao movimento sindical e para que, de fato, ganhasse a categoria e outros segmentos organizados da sociedade brasileira”, reiterou a presidenta.

A dificuldade em aprovar a proposta no Congresso Nacional foi uma preocupação apontada nos debates e já era mensurada pela Fenaj. Para enfrentá-la, a entidade busca o apoio dos segmentos progressistas da sociedade para formar uma ampla articulação nacional que seja capaz de implementar tanto a Cide quanto instituir o fundo público de apoio e fomento ao jornalismo.

A sugestão de taxar plataformas é uma iniciativa da Federação Internacional dos Jornalistas (FIJ) para reverter a queda do investimento nos veículos de imprensa de todo o mundo. A proposição da FIJ permitiu que a Fenaj formulasse uma sugestão que respondesse às necessidades brasileiras.

A proposta da Fenaj

Após os seminários, a proposta será submetida à categoria durante o 39º Congresso Nacional dos Jornalistas, no mês de setembro. Assim, com a contribuição dos jornalistas, a Fenaj deve partir para a discussão com entidades nacionais que apoiem formalmente a iniciativa e a endosse, antes do envio ao Congresso Nacional.

O documento apresentado pela Fenaj, esboço de um projeto de lei, é constituído de quatro aspectos fundamentais e estruturantes. (Veja mais no box ao lado) ■

ANTEPROJETO DE LEI DA FENAJ TEM QUATRO PILARES:

1. A taxaço: Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide)

O projeto considera a Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide) a forma mais adequada de taxaço, por ser uma ferramenta fiscal usada para corrigir distorções no âmbito da economia, como as causadas pelas plataformas digitais. Dessa forma, a Cide taxaria as plataformas de forma progressiva – variando de 0,5% a 5% de acordo com o faturamento bruto das empresas –, destinando integralmente os valores arrecadados ao fundo de apoio ao jornalismo.

2. Criação do Fundo Nacional de Apoio e Fomento ao Jornalismo

Criação de um fundo público, com critérios determinados por legislação específica e autonomia, possibilitando a destinação dos recursos para a produção jornalística de organizações ou empresas públicas e privadas. O objetivo é que o fundo seja capaz de financiar a atividade jornalística a partir dos critérios fixados.

3. Uso dos recursos

A Fenaj propõe que o aporte seja dado a projetos que obedeçam aos seguintes critérios:

- protejam as condições de vida e trabalho dos jornalistas brasileiros;
- promovam a democratização da comunicação com produção local e regional de notícias;
- combata o deserto de notícias e respeite o interesse público e a democracia no critério da produção jornalística;
- fortaleça a pluralidade na produção jornalística, com promoção da igualdade de gênero e raça, valorize a soberania nacional e a liberdade de imprensa.

4. Composição do Conselho Gestor

A Fenaj sugere ainda que o Conselho Gestor seja composto por 18 membros, sendo:

- dois membros representantes do Executivo federal, conforme exigido por lei; os integrantes seriam o ministro das Comunicações e o ministro da Fazenda;
- quatro membros do setor empresarial;
- quatro jornalistas com representatividade nacional;
- quatro membros ligados à educação e pesquisa jornalística;
- quatro membros da sociedade civil de atuação na área.



PLATAFORMAS PREDATÓRIAS

O *Unidade* de novembro de 2020 trouxe uma matéria a qual explica como as *big techs* sugam os recursos do jornalismo.

Acesse em: bit.ly/plataformaspredatorias



COJIRA

Jornalistas participam da Caminhada Luiz Gama

Com passagem pelo Auditório Vladimir Herzog, do Sindicato, evento procura reafirmar contraposição à elite paulistana de um dos principais abolicionistas de nossa história

Como parte de uma linha de atuação que procura fixar junto à categoria a imagem de jornalistas negras (os) que se destacaram na profissão, integrantes da Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira-SP) participaram novamente este ano, no dia 24 de agosto, da Caminhada Luiz Gama, atividade realizada por diversas entidades e personalidades negras da capital desde 1991. O evento, que exalta e busca preservar a memória do grande jornalista abolicionista, evoca desde a caminhada do menino Luiz Gama, escravizado, Serra do Mar acima rumo a São Paulo, até seu enterro em 24 de agosto de 1882, aos 52 anos, quando o caixão foi carregado a pé por dezenas de pessoas do bairro do Brás, onde Gama morava, até o Cemitério da Consolação, em um cortejo do qual estima-se que tenham participado 4 mil pessoas, cerca de 10 por cento da população da cidade na época.

Reunidas no Auditório Vladimir Herzog, do Sindicato dos Jornalistas de SP, cerca de 40 pessoas – que observavam as regras de distanciamento e demais cuidados decorrentes da pandemia – assistiram ao ato diante da foto do grande jornalista abolicionista, doada pelo Museu Paulista (Ipiranga) e instalada na parede do auditório desde 2020, acima da placa em sua homenagem ali existente desde 2018. Durante o evento, a Cojira-SP foi representada pelos jornalistas Flavio Car-

rança e Guilherme Soares, que, junto com as jornalistas Cinthia Gomes e Claudia Alexandre, falaram ao público sobre a importância da data e das iniciativas da comissão para inserir a contribuição de profissionais negros e negras na história da imprensa paulista.

Diferentemente de anos anteriores, a Caminhada Luiz Gama deste ano teve um trajeto que começou no Cemitério da Consolação, onde o jornalista Abílio Ferreira, um dos criadores do evento, liderou a leitura conjunta de um trecho do poema *Quem sou eu?*, mais conhecido como *Bodarrada*, entre outras intervenções. Do cemitério, a caminhada seguiu para o Sindicato dos Jornalistas e depois para o Largo do Arouche até o busto de Luiz Gama – um presente oferecido à cidade na década de 1930 pela população negra.

Nessa terceira e última etapa, a atividade, que incluiu um sarau e números musicais, teve seu significado mais amplo resumido nas palavras de Abílio Ferreira: “A gente cumpriu aquilo que planejou para esse ato, que era confirmar a narrativa construída pelos ativistas dos anos 1920-30, quando instalaram uma herma (busto) de Luiz Gama no coração (do espaço) da elite paulistana, constituída por aqueles que se reuniam em torno da academia de direito do Largo São Francisco, ali representados pelos donos daquelas terras, José Arouche de Toledo Mendonça, que implantou a São Francisco, e o segundo proprietário, o juiz Rego Freitas, com quem Luiz Gama teve fortes contendas nos tribunais. Nessa caminhada, a gente confirmou a narrativa da contraposição de Luiz Gama ao poder da elite paulistana”. ■

Luiz Gama é doutor honoris causa pela USP

O jornalista, advogado e escritor é o primeiro brasileiro negro a receber esse título pela universidade estadual

Por Thais Folego Gama

“Por um país sem reis e sem escravos.” Foi por esse propósito que viveu o jornalista, advogado e escritor Luiz Gama, um dos maiores nomes da abolição da escravidão no Brasil. Para honrar esse legado, a Universidade de São Paulo (USP) concedeu ao abolicionista o título de doutor *honoris causa*, reconhecendo suas contribuições intelectuais para as áreas de Jornalismo, Direito e Literatura. Até então, o único outro negro a receber a honraria pela USP havia sido Nelson Mandela.

“A intenção foi reconhecer Luiz Gama como intelectual, com uma produção negra riquíssima em todas as áreas nas quais atuou, um feito ainda maior se considerarmos o contexto da época”, diz Dennis Oliveira, professor da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP, que fez a proposta do nome de Luiz Gama

para o Conselho Universitário da USP junto com outros professores negros da universidade. Ele destaca a importância do apoio do movimento negro na articulação da causa, o que levou o nome de Gama a ser aprovado por unanimidade pelo conselho, um fato inédito na história do Conselho Universitário.

Essa é a conquista mais recente que o ativismo pelo reconhecimento, preservação e valorização da memória do abolicionista conquistou nos últimos anos. Gama foi oficialmente reconhecido como advogado pela OAB, em 2015, e como jornalista, pelo Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, em 2018; tendo sido também homenageado com o Prêmio Vladimir Herzog em 2020, e nomeado no *Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria* do governo federal, em 2018.

Luiz Gama é o único intelectual negro do século 19 a ter vivido a experiência da escravidão, costuma destacar Ligia Ferreira, professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e uma das maiores pesquisadoras de sua obra.

Gama nasceu em Salvador (BA) em 1830, filho de Luiza Mahin, negra livre de origem africana que participou de insurreições abolicionistas no Brasil, e de pai branco de origem portuguesa. Foi vendido ilegalmente como escravo pelo próprio pai, aos 10 anos de idade. Aprendeu a ler aos 17, quando conquistou judicialmente a própria liberdade, e atuou para libertar mais de 500 pessoas escravizadas.

No campo das letras, Luiz Gama foi pioneiro ao introduzir a subjetividade negra tanto na narrativa literária quanto na jornalística. Retratados até então apenas como objetos de comércio, as pessoas negras tinham suas histórias e feitos retratados por Gama. Ele fundou o primeiro jornal ilustrado da cidade de São Paulo, intitulado *Diabo Coxo*, em 1864, ao lado do caricaturista Angelo Agostini – mas apenas esse último costuma ser citado nos cursos de Jornalismo.

Gama faleceu em 1882, antes de ver o Brasil sem reis (a República só viria em 1889) e sem escravos (a abolição, ainda que inacabada até hoje, ocorreu em 1888). ■



JOÃO LEOCI

Como parte do evento, cerca de 40 pessoas participaram de homenagem realizada no auditório do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo

FOTOJORNALISMO

**NESSAS FOTOS DIZEMOS:
ESTES SOMOS NÓS.
UMA PESSOA
FOTOGRAFADA ALCANÇOU
UM MOMENTO DE
REDENÇÃO, SALVA
DO DESTINO DE SER
ESQUECIDA PARA SEMPRE**



COJIRA

Encontro Nacional debate desafios do combate ao racismo

Com o tema “Comunicação e igualdade racial na pandemia das ideias”, evento foi organizado pela Comissão Nacional de Jornalistas pela Igualdade Racial e coletivos estaduais

por Fabio Soares

Motivados pelo anseio por uma comunicação mais democrática, igualitária, representativa e compatível com a diversidade que compõe a sociedade brasileira, jornalistas de diversos estados e regiões do país se reuniram virtualmente nos dias 30 e 31 de julho para realizar o 2º Encontro Nacional de Jornalistas pela Igualdade Racial (Enjira). O evento é uma realização da Comissão Nacional de Jornalistas pela Igualdade Racial (Conajira), vinculada à Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), e teve apoio dos coletivos de jornalistas pela igualdade racial dos sindicatos de São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Alagoas e Bahia. Organizado em meio ao aprofundamento da necropolítica e a circulação da desinformação, sobretudo durante a pandemia, o encontro iniciou com uma homenagem ao fotógrafo e ativista negro Januário Gar-

cia, representando jornalistas mortos em decorrência da covid-19. Guilherme Soares Dias, da Cojira-SP lembrou que a doença já matou 268 jornalistas, segundo dados do Departamento de Saúde da Fenaj, ressaltando ser o Brasil o país que registra maior número de profissionais de jornalismo mortos no mundo.

O jornalismo e o racismo estrutural

As reflexões sobre o momento atual da comissão e o tema do encontro revelaram a importância de um olhar diferenciado e específico para a situação dos jornalistas negros e negras, afirmou Valdice Gomes, coordenadora da Conajira. Para ela, o racismo estrutural requer propostas e atitudes mais firmes e mais ousadas por parte de toda a sociedade brasileira, “que deve partir não apenas das entidades sindicais, mas das empresas de comunicação e do

mercado de trabalho como um todo e da academia”, declarou.

Participou também do evento a presidente da Fenaj, Maria José Braga, que, em nome da entidade, reconheceu a atuação de jornalistas negros e negras em incorporar ao movimento sindical da categoria a discussão da igualdade racial e do combate ao racismo. Segundo Braga, essa vertente de luta fez com que houvesse, no movimento sindical dos jornalistas, uma mudança de percepção com relação à necessidade de pautar discussões específicas sobre as questões étnico-raciais. Cleidiana Ramos, jornalista convidada a discorrer sobre o tema do encontro, falou sobre a memória, a invisibilidade e o papel do povo negro em um contexto histórico, de pandemia e de crise, não do jornalismo, mas de uma crise de modelo do jornalismo, segundo ela, caracterizado por grupos de mídia hegemônica (concentrados em sete famílias), organização religiosa, desmonte da CLT e uma revolução digital que gera ainda mais impacto, com o fenômeno das fake news.

Residente em Salvador (BA), Cleidiana relata uma visão da representatividade negra no jornalismo baiano. “Nosso rosto não aparece. Eu estou em um estado em que

nos principais telejornais a gente tem, às vezes, uma jornalista negra em bancada, o que é um escândalo.”

Homenagem ao “Menino do Irajá”

O Enjira reservou um espaço para homenagear o escritor, pesquisador e compositor Nei Lopes, momento que teve como moderador o jornalista e biógrafo Oswaldo Faustino, da Cojira-SP. Da musicalidade à etimologia, da política à educação, Nei falou das honrarias concedidas pelas universidades que, segundo ele, têm grande valor por partirem das universidades públicas, de ensino gratuito, que sobrevivem no Brasil à custa de muito esforço diante das ameaças do neoliberalismo e dos interesses econômicos. Nei Lopes comentou também a homenagem que acabara de receber da Conajira, e ressaltou a importância da imprensa negra na história do país. “Receber uma homenagem de uma instituição de jornalistas negros eu acho absolutamente importante, haja vista o papel que os nossos jornalistas afrodescendentes têm na história brasileira, principalmente no pós-abolição, num grande movimento que eclodiu de São Paulo para o resto do Brasil, com a imprensa negra, deixando uma raiz”, completou.

O segundo dia do encontro foi reservado para a exposição das principais atividades e desafios das Cojiras e definição do plano de ação para o próximo período do Núcleo. Por meio dos painéis “Boas práticas e projetos exitosos” e “Sindicalismo e a pauta da igualdade racial”, mediados pela diretora do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Bahia, Marjorie Moura, apresentaram-se a diretora Jeanice Ramos, do Núcleo de Jornalistas Afrobrasileiros do Rio Grande do Sul, e Vera Daisy, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul, Helciane Pereira (Cojira-AL), André Ricardo Martins e Juliana Nunes (Cojira-DF), Flavio Carrança (Cojira-SP) e Angélica Basthi (Cojira-Rio). Também se fez presente a secretária nacional de Combate ao Racismo da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Anatalina Lourenço, que, por fim, discutiu a relação mútua de luta pela questão étnico-racial entre os sindicatos dos jornalistas e a CUT. ■

**HOUVE ESPAÇO
PARA HOMENAGEAR
O ESCRITOR,
PESQUISADOR E
COMPOSITOR NEI
LOPES, QUE RESSALTOU
A IMPORTÂNCIA DA
IMPRENSA NEGRA NA
HISTÓRIA DO PAÍS**

ENTREVISTA

Flavia Lima



Ex-ombudsman e atual editora de diversidade, jornalista paulistana esteve à frente do primeiro treinamento exclusivo para jornalistas negros ministrado pela *Folha de S. Paulo*

por Flavio Carrança

FLAVIA LIMA FALA SOBRE DIVERSIDADE E PRESENÇA NEGRA EM REDAÇÕES

Existe certo consenso no movimento negro de que um dos efeitos da grande reação popular ao assassinato de George Floyd, em 25 de maio de 2020, foi um estímulo que levou diversas empresas, entre as quais algumas de comunicação, a investirem (ou pelo menos dizerem que o fazem) na promoção da diversidade em seu quadro funcional. Mesmo concordando com a afirmação de que o episódio Floyd despertou maior atenção para o tema da presença/ausência de negras e negros nos locais de trabalho, a jornalista negra Flavia Lima, atual editora de diversidade da *Folha de S. Paulo*, afirma que tal preocupação já existia na empresa antes desse episódio, ao lembrar que a função que ocupa surgiu em maio de 2019, um ano antes do caso Floyd. Nessa mesma época, Flavia foi escolhida para ser ombudsman, sucedendo outra jornalista negra, Paula Cesarino, que se tornou a primeira editora de diversidade do jornal, seguida pela jornalista branca Alexandra

Moraes, a quem Lima agora sucede no cargo.

Nascida em uma família paulistana do tradicional bairro do Ipiranga, Flavia Lima é casada, tem 46 anos de idade e diz que morou quase a vida toda em São Bernardo do Campo em razão de seu pai ter sido metalúrgico da Volkswagen. Há 21 anos na profissão, começou como *trainee* na extinta *Gazeta Mercantil*, teve uma primeira passagem pelo *Valor Econômico*, indo depois para a Bloomberg TV e em seguida para a *IstoÉ Dinheiro*; voltou, desta vez por cerca de seis anos, para o *Valor Econômico*, de onde foi para a *Folha de S. Paulo*.

No jornal da família Frias, começou em 2017 como repórter na área de economia, cargo que exerceu por dois anos, até ser convidada para se tornar ombudsman. Em 10 de maio deste ano, assumiu o programa de treinamento exclusivo para profissionais negros, que será realizado anualmente, e também a editoria de diversidade do jornal.

Na entrevista que concedeu por telefone ao *Unidade*, ela fala sobre essa experiência e os temas relacionados.

ENTREVISTA

Tenho a impressão de que depois do episódio do George Floyd aumentou a preocupação das empresas em promover diversidade, equidade racial, esse tipo de coisa. Você passou por várias empresas de comunicação e de jornalismo. Percebeu uma evolução ou uma mudança ao longo do tempo? Como vivenciou essa questão da presença e ausência de negros e negras nas redações e na cobertura desses temas? Tem uma visão retrospectiva dessa trajetória com relação a esse aspecto?

Acho que sempre existiu uma consciência de que nós negros éramos minoria, em todas as redações nas quais passei, inclusive porque eu sempre virava um assunto com as pessoas mais próximas. E sinto que em todas as redações pelas quais passei existia essa consciência de que éramos muito poucos, mas sem que isso fosse muito discutido e nem visto exatamente como um problema. Estava mais naquela chave de que, ainda que se procure, a gente não vai encontrar profissionais negros disponíveis e bem formados. A visão que havia com relação aos profissionais negros era um pouco essa, que era muito comum: 'ah, eu até gostaria de contratar o profissional, mas não tem, eles não existem'. Acho que isso foi assim ao longo da minha carreira. Curiosamente, essa empresa americana para a qual eu trabalhei, a Bloomberg, tinha uma consciência maior sobre isso. Talvez justamente por serem americanos e lá a questão racial ser muito mais repercutida. E essa foi até uma certa surpresa, porque eles esperavam que uma redação brasileira refletisse mais a população daqui, que enxergavam como muito negra, e quando não viam isso se surpreendiam. Não entendiam esse descolamento entre a imagem que eles tinham do Brasil e uma redação brasileira tão branca.

Lembro de uma curiosidade: era uma TV e eles costumavam mandar muitas maquiagens para repórteres e apresentadoras mulheres aqui no Brasil, e muitas dessas maquiagens eram para pele negra. Eu acabava ficando com todas elas, porque além de mim só havia mais uma repórter negra, que ficava em Nova York, então ficava tudo para mim, isso durante um bom tempo. Eu observava que eles tinham uma preocupação maior: comecei na Bloomberg como produtora, depois coordenei a produção e eles queriam sempre que eu fosse para o vídeo porque achavam que isso era impor-

Caderno publicado pela Folha de S. Paulo com a primeira turma de trainees negros na história da empresa, em agosto deste ano



A MÍDIA BRASILEIRA, COMO UM TODO, AINDA REFLETE UM PEDACINHO MUITO PEQUENO DA SOCIEDADE

tante e tinha essa questão racial também por trás. Agora, mais recentemente, como você mesmo apontou, sobretudo depois do episódio [do assassinato] do americano George Floyd, acho que é como se de repente a gente se desse conta de que temos um problema: somos uma sociedade racista, somos praticamente invisíveis e, depois disso, se tornou uma questão. Agora, eu preciso ser justa também com a *Folha*, porque a preocupação da *Folha* é anterior a isso.

Durante a discussão das políticas de cotas e ações afirmativas aqui no Brasil, principalmente de cotas raciais, a *Folha* e outros veículos do *mainstream* do jornalismo brasileiro se posicionavam veementemente contra essas políticas, e entendo isso que aconteceu na *Folha* agora como uma política de ação afirmativa. Deu para você perceber uma mudança e como aconteceu esse processo no interior da empresa?

Claro, é uma mudança. O jornal que lá atrás se posicionou editorialmente contra a política de cotas abriu um dos primeiros programas de treinamento voltados exclusivamente para profissionais negros, que foi esse que terminou agora em 30 de julho, durou três meses e que, na minha avaliação, foi muito importante, significativo e fundamental para o objetivo do jornal, que é, quando fala em diversificação, não

só diversificar a cobertura jornalística, os personagens que aparecem no jornal, mas também as fontes, quem o jornal ouve para fazer essa cobertura, e a própria redação. A *Folha* tem ciência de que se o objetivo é fazer um jornalismo mais democrático e que reflita melhor a sociedade em que a gente vive, ela precisa refletir e estar refletida na redação do jornal, que hoje ainda é de maioria branca, do Sudeste – sobretudo São Paulo –, muito igual, com o perfil bastante masculino. Então o jornal tem essa consciência de que precisa olhar para as questões que a sociedade está dizendo que são importantes, e não só a questão racial: gênero, orientação sexual e uma série de questões que estão sendo colocadas aí pela sociedade, pelas redes sociais, e que acabam sendo refletidas pela imprensa de uma maneira geral, como a gente está vendo, e a *Folha* faz parte dela. E mais uma questão: a *Folha* se coloca como um jornal de alcance nacional, então é mais um motivo para que olhe para outras regiões e que a diversidade venha também daí, dessa questão regional.

Agora, voltando para a sua pergunta, eu vejo, essa mudança é clara por parte da *Folha*, um jornal que se posicionou e, na verdade, formalmente falando, ainda não mudou a sua posição. É algo que ainda a gente está para ver. Como editora de diversidade acho que, em 2022, quando estaremos chegando aos 200 anos de inde-

pendência do país, 10 anos de política de cotas, isso pode ser um excelente gancho para a *Folha* rever a sua posição, editorialmente falando, aquela posição lá de trás, contra a política de cotas. (Para) um jornal que identificou o problema que é a falta de diversidade, se propôs claramente a enfrentar essa questão e está fazendo isso muito bem, agindo em diversas frentes, é um excelente momento. Se a *Folha* está esperando por alguma oportunidade para rever sua posição, no ano que vem haverá uma excelente oportunidade de revisar a posição contra as cotas.

Cida Bento, colunista da *Folha*, é uma pessoa que trabalha muito com essa questão da diversidade no âmbito das empresas, e sempre enfatiza a necessidade da implementação do quesito raça/cor no cadastro das empresas e na produção de informação com relação à composição étnico-racial das organizações públicas ou privadas, para possibilitar a efetivação de políticas de promoção da diversidade. A *Folha* faz isso?

Produz. Esses dados não são públicos, mas a *Folha* fez o primeiro levantamento de perfil da redação, no qual essa questão foi incluída, e também por isso ela sabe o quão urgente, necessário e importante é diversificar esse perfil. O programa de treinamento é uma iniciativa importante neste sentido. Lembrando que foram 18 *trainees*, neste primeiro programa e boa parte deles já incorporados pelo jornal, o que é super importante porque não adianta só fazer um programa de treinamento sem que esses profissionais sejam absorvidos. Uma parte importante já foi, e outra coisa que venho observando – porque coordenei o programa, algumas pessoas me procuram, observo outros lugares –, e falo aqui não só de outras redações, mas de editoras que buscam os profissionais pelo programa de treinamento da *Folha*, que costumam atrair esses profissionais para outros lugares também, o que eu acho muito bacana, e para eles é bem importante. Em resumo é isso: o jornal faz esse acompanhamento, já fez e fará novamente, porque considera importante entender um pouco o perfil da redação, e aí entra não só a questão de gênero e orientação como outras abordagens. E com esse objetivo, de tornar a redação mais plural.

Querida que você comentasse um pouco sobre o papel da editoria de diversidade.

Para ser sincera, o ideal é que a gente não precisasse de uma editoria de diversidade, mas não é isso que acontece. O diagnóstico é que a mídia brasileira, como um todo, ainda reflete um pedacinho muito pequeno da sociedade. A mídia é formada por profissionais brancos, de uma classe média, o perfil das redações é ainda muito parecido e homogêneo, e isso

Flavia Lima

acaba interferindo, é claro, na cobertura jornalística, que é também um reflexo da visão do repórter e dos jornalistas. E por isso é importante, mais que importante, é fundamental que a gente tenha redações menos homogêneas.

É claro que o ideal era não precisar de um cargo como esse, meio esdrúxulo, mas afinal o que é um editor de diversidade? Dada a nossa realidade, ele se mostrou necessário e relevante. E o que faz essa figura e esse editor? Eu sou bastante procurada por muita gente, de muitos perfis, e tem de tudo: sugestão de pauta, gente querendo emplacar seu marketing porque agora todo mundo, na verdade, quer se mostrar fazendo algo para aumentar a sua diversidade, e empresas. O que eu acho ótimo, mas desde que não seja algo pontual e seja pensado para render soluções no longo prazo. O que eu tento explicar e deixar claro é que a editoria de diversidade faz um papel que é uma mistura entre o editorial e o institucional do jornal.

Claro que eu procuro estar muito ligada no que está acontecendo de relevante nessas áreas ou temas, que a gente não está muito acostumada a olhar e, como falei, não só a questão negra e indígena como o que está acontecendo no universo LGBTQIA+, com as mulheres, e questões fundamentais para o mercado de trabalho feminino com a pandemia, enfim (em) todas essas questões eu tenho que ficar muito ligada e, recebendo boas sugestões ou surgindo boas ideias, passar isso para as respectivas editorias do jornal, para que seja produzido conteúdo abordando esses temas.

Uma outra coisa que acho relevante é tirar um pouco a cobertura destes nichos específicos das datas que a gente está acostumada a encontrar e que acabou se tornando algo muito confortável. Então, os jornais usam o mês de junho, por exemplo, para falar da questão da orientação sexual ou o mês de novembro para falar da questão negra e, depois, esquecem e se sentem desobrigados de tocar no assunto o resto do ano. Isso também é uma coisa sobre a qual a gente está muito em cima e muito atenta para que mude.

Tem uma questão muito importante que é tentar olhar para a redação e fazer dessa redação algo mais diverso, então eu participo de todas as bancas de contratação da *Folha*. Participo obrigatoriamente, justamente para olhar para essas questões e para dar o peso que elas merecem num dos momentos cruciais para a diversidade, que é o da contratação de um novo profissional. Então tem essa questão de olhar para dentro da redação, de olhar o que está sendo produzido pelas editorias, ouvir mais vozes, tentar ouvir fontes diferentes, porque estamos muito viciados em ouvir sempre as mesmas pessoas e também pretendemos fazer um acompanhamento melhor sobre isso. A sensação é que ouvimos muito homem, muito homem branco da região Sudeste, então queremos ampliar,



EDUARDO KNAPP

“

SOU BASTANTE PROCURADA, E TEM DE TUDO: SUGESTÃO DE PAUTA, MARKETING. PORQUE AGORA TODO MUNDO QUER SE MOSTRAR FAZENDO ALGO PARA AUMENTAR A DIVERSIDADE

ouvir gente de outros lugares, de outras classes sociais, gente que está fazendo algo diferente e que também é importante. É uma série de ações que precisam ser feitas ao mesmo tempo, porque daqui a algum tempo, alguns anos – isso não vai ser para agora, vai ser para daqui a algum tempo –, se a gente realmente quiser falar de um jornalismo mais diverso, tem que olhar para tudo isso.

E os territórios das periferias, estão contemplados nessa noção de diversidade?

Isso é fundamental. Com certeza, e não só naquela chave que a gente está muito acostumada a ver, da violência, da falta, da carência, dos outros perrengues periféricos que, claro, a gente precisa contar na cobertura, até mesmo para pressionar por mudanças e que o poder público olhe para isso com mais urgência. Mas, para além disso, a gente precisa olhar para esses lugares como lugares de realização, de diversão, enfim, olhar para esses lugares da mesma maneira que nós, jornalistas, olhamos para os bairros em que circulamos. Nós somos muito concentrados na parte central da cidade, nós aqui em São Paulo, nos bairros mais centrais e mais ricos. Em uma das colunas que eu escrevi como ombudsman, até fiz esse levantamento informal, então o bairro de Pinheiros, em determinado período, era citado milhares de vezes, olhando para os problemas do bairro, para o café que o bairro oferece, o cinema, o show, para as oportunidades profissionais e para uma série de outras questões que acabam não sendo contempladas nos bairros periféricos, porque a gente não vai até lá e não sabe o que está se passando nesses lugares. Acaba olhando muito com estereótipo, com olhares estrangeiros, de quem não faz ideia do que está se passando ali e acaba batendo nas mesmas teclas da falta, da violência. Mudar essa chave é muito importante, e

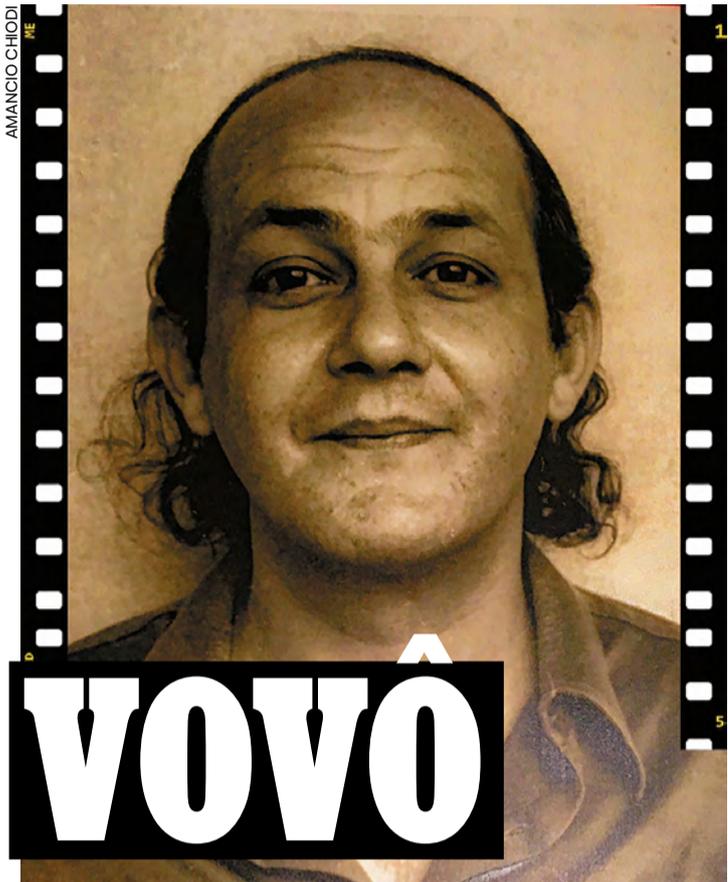
Hoje editora de diversidade na *Folha de S. Paulo*, Flavia começou a carreira no jornalismo econômico, na *Bloomberg*, *Valor Econômico* e *IstoÉ Dinheiro*

também está acontecendo, é uma coisa na qual estamos prestando muita atenção. Na *Folha*, por exemplo, eu sinto isso. No *Guia*, o suplemento da *Folha* com dicas de cultura, se você prestar atenção existe um esforço de contemplar esses outros lugares da forma como a gente contempla o centro, o que é muito bacana e muito importante. Acho que é um trabalho longo, árduo e que começou a ser feito. Demorou, mas começou a ser feito, e acho que daí só pode sair coisa boa, interessante e com mudanças importantes que precisam ocorrer.

Tradicionalmente, mesmo que entrassem nas empresas, muitos jornalistas negros e negras antes ficavam na revisão, e eu acredito que ainda exista um problema de não terem muita mobilidade no interior da empresa. Quer saber se o projeto tem alguma preocupação com isso e como você e a empresa veem esta questão. Isso está relacionado, evidentemente, com a importância também de ter um perfil diverso e gente negra presente nas instâncias de poder na empresa.

A presença de negros, mulheres, LGBTQIA+, pessoas com deficiência, inclusive nas instâncias de poder de uma Redação, é fundamental e o jornal sabe disso. Recentemente, ocorreram mudanças na Secretaria de Redação do jornal, antes formada por quatro jornalistas homens (dois secretários e dois secretários-assistentes, cargos logo abaixo do diretor de Redação). Com as mudanças, as duas funções de secretárias-assistentes foram ocupadas por mulheres, o que traz um olhar diferente não só para a cobertura como para a organização do jornal. Mesmo a criação de um programa de *trainee* (no geral, um profissional valorizado e que passa por um período de treinamento que permite a ele conhecer mais a fundo a prática jornalística, a empresa e o negócio) para profissionais negros abre espaço para isso. Para você ter uma ideia, entre os quatro últimos secretários de Redação antes da mudança mais recente, todos (ou quase todos) passaram pelo programa de treinamento. Cuidar para que a Redação se torne um ambiente efetivamente mais diverso significa mais do que contratar profissionais pelo piso. Não vejo esse processo de mudança como algo que vai ser resolvido depois de amanhã. Mas acho importante que tenha começado. ■

MEMÓRIA



VOVO

GUERREIRO



Narciso Kalili em imagem publicada no ex-, criado em 1973; capa histórica do ex-, em novembro de 1975, denuncia o assassinato de Vladimir Herzog pela ditadura

e repórter, saía com Narciso Kalili, numa velha perua Caravan, colocando jornais para vender nas bancas da cidade.”

Logo na terceira capa, em janeiro de 1974, chega a polícia. Sérgio e Narciso decidiram fazer uma fotocharge de Richard Nixon, o presidente americano, envolvido no escândalo Watergate de espionagem ao Partido Democrata, olhando para o horizonte como se fosse estadista, vestindo uniforme de presidiário.

A capa era bastante incômoda para o governo brasileiro, que ciceroneava a mulher do presidente dos Estados Unidos, Pat Nixon, a qual estava no Brasil para a posse de Ernesto Geisel. Narciso e Sérgio foram parar na rua Xavier de Toledo, sede da Polícia Federal. Acabaram enquadrados na famigerada Lei de Segurança Nacional (que voltou agora à moda no governo Bolsonaro). Foram autuados “por atentar contra chefe de Estado de país amigo por palavras, atos ou atitudes”.

Não está claro por quanto tempo os dois ficaram detidos, se um dia ou dois. Mas logo depois, Narciso foi preso por uma dupla de agentes da Oban (Operação Bandeirante) – órgão de repressão política da ditadura –, aparentemente por outra razão.

Minha mãe, Ethel Volfzon Kosminsky, telefonou para o advogado amigo de Serjão e Narciso, Marco Tulio Bottino, também coordenador jurídico de todas as editoras fundadas e a serem fundadas pelos dois. Entrou em contato com a importante professora de Sociologia da USP Maria Isaura Pereira de Queiroz. A professora ofereceu ajuda: “O que posso fazer?”

Ethel acreditava que, se a informação saísse no jornal, Narciso ficaria protegido. Mas, naquele tempo, as notícias de detenções não eram publicadas por temor da censura. As reportagens de *O Estado de S. Paulo* eram substituídas por versos de Camões e as do *Jornal da Tarde* por receitas culinárias, por exemplo.

A professora apresentou-lhe um dos irmãos Mesquita (Ethel não se recorda mais qual), que perguntou se Narciso estava metido em algum grupo político. “Não”. Ela contou o que tinha ouvido de meu pai. “Havia um jornalista chamado Cláudio Marques que brigava e denunciava qualquer jornalista que lhe parecesse suspeito. Assim, ele tinha denunciado o Narciso e Georges Bourdoukan por causa de uma matéria sobre a guerra do Vietnã.” Bourdoukan também foi preso.

Minha mãe pediu ao Mesquita que publicasse no jornal a prisão de Narciso. E assim foi feito no mesmo dia no *Jornal da Tarde*. “Pela primeira vez, a notícia de uma prisão era publicada”, disse-me.

Cláudio Marques tinha uma coluna no extinto jornal *Shopping News* e num programa de TV. Chamava a redação da Cultura de “Vietcultura”. Grunhia pérolas como: “Viram o noticiário de ontem na TV Cultura? Falando do esquerdista vietnamita Ho Chi Min?” Essa mesma

Um pouco da história de Narciso Kalili, jornalista que dá nome à redação do *Unidade* (a ser reinaugurada em breve) e da turma formada na revista *Realidade*, que marcou época nos anos 1960. Publicamos aqui um extrato do texto. Veja na íntegra em <http://unidade.org.br/vovo-guerreiro/>

por Sérgio Kalili*

Daniel, meu filho, não conheceu o avô. Aliás, Narciso Kalili não conheceu nenhum dos seis netos. Morreu cedo, em 7 de agosto de 1992, aos 56 anos, durante uma cineangiocoronariografia. Essa palavra complicada nunca saiu da minha cabeça. Um exame invasivo para verificar a presença de obstruções das artérias coronárias. A dele deu errado. (...)

Marcas

A vida foi curta, mas intensa. Quem o conheceu sabe. Era pura energia, coragem, ousadia e criatividade. (...) [mas] A cada ano, suas marcas vão desaparecendo, assim como as de sua geração. Muitos jovens jornalistas nunca ouviram falar dele. Não imaginam por que a redação do jornal *Unidade*, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, que será reinaugurada este ano, após uma reforma, leva o seu nome. Alguns não têm ideia de quem é essa turma, que começou a ganhar mais notoriedade a partir da revista *Realidade*, publicada pela um dia grande Editora Abril, e que cimentou tamanha irmandade entre os profissionais que durou para o resto da vida. (...)

O que me estimulou a escrever um texto sobre Narciso foi não só a reinauguração da redação de *Unidade*, e o fato de que é preciso assegurar que o Sindicato e o jornalismo tenham memória, mas a lembrança do manuscrito que guardo comigo de um de seus trabalhos mais famosos, que de tão marcante foi refeito mais de quatro décadas depois, em 2014, por um repórter da revista *Trip*, e outras duas vezes pela revista *Veja*, a última em 2017.

Em outubro de 1967, Kalili, branco, olhos verdes, narrou em primeira pessoa uma reportagem produzida com outro jornalista, Odacir de Mattos, negro, olhos castanhos. Os dois saíram às ruas para medir o racismo em seis capitais do país, descrevendo as reações provocadas e vividas pela dupla de cor de pele diferente. Quase sempre Odacir enfrentou dificuldades para ser atendido em bares e restaurantes e para se hospedar em hotéis. Para ele, quase tudo ficou mais caro ou indisponível. (...)

O ex- e a prisão

[Outro momento importante de Narciso e sua turma é] a história do jornal *ex-*, um dos mais corajosos da imprensa brasileira, o único a cobrir a morte do jornalista Vladimir Herzog. E por que *ex-*? Porque eram uma *ex*-editora, *ex-Grilo*, *ex-Bondinho*, *ex-Jornalivro*, *ex-Revista de Fotografia*. Ideia do Serjão (Sérgio de Souza).

Em 2010, o Instituto Vladimir Herzog e a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo fizeram uma reedição comemorativa do *ex-*, com depoimentos de quem participou. O projeto foi coordenado por (Dácio) Nitrini, Mylton Severiano (Myltainho) e o fotógrafo e um dos fundadores do jornal, Amancio Chiodi. Dácio escreveu: “O *ex-* é como se fosse neto da revista *O Bondinho* e filho do gibi underground *Grilo*. Sendo assim, é bisneto da mitológica *Realidade*, origem de um grupo formado por jornalistas brilhantes que provocaram saltos de qualidade editorial em vários veículos, inclusive rádio e tevê.”

O *ex-* batia na ditadura por metáforas tão claras que mais direto era difícil. O primeiro número ficou pronto em novembro de 1973. Último ano de Médici no poder. Na capa, Hitler, nu, tomando sol em uma praia tropical. A segunda edição seguiu a mesma linha, Henry Kissinger pelado, semideitado em um divã. Os expedientes satíricos avisavam que a distribuição era própria, com a expressão “garantida” e “nenhum direito reservado”.

Myltainho esclarece: “A maneira sutil e bem-humorada de dizer tudo sem dizer nada a gente desenvolveria também nos textos, que falavam mais nas entrelinhas que nas linhas.”

Dácio explica que eles mesmos entregavam os jornais: “Eu, além de vendedor de espaço para publicidade, produtor gráfico

campanha vai ajudar a matar Vladimir Herzog alguns meses depois.

Mas Bourdoukan acredita que o motivo da prisão dos dois foi outro. Dividia a chefia de reportagem com Narciso, cada um fazia um horário na Cultura. “Fui preso pela Operação Bandeirante um ano antes do Vladimir Herzog. Tinha uma epidemia de meningite. Mandei fazer a matéria. Horas antes de o programa ir ao ar, me liga o governador Laudo Natel: ‘Não faça isso, você vai provocar pânico’. Precisava alertar a população. No mesmo dia, Narciso e eu fomos presos.”

Na tentativa de sensibilizar a milicada, Ethel pegou os filhos, inclusive minha irmã mais nova, ainda no colo, e correu alguns quartéis de São Paulo atrás do meu pai. No início, não tinha certeza de onde ele estava.

Da Oban, pouco mais de uma semana depois, Kalili foi para o Deops (Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo). Lá, depois de alguns dias, Ethel pôde vê-lo. “Ele veio muito quieto, sem cordões nos sapatos. Nos abraçamos.” Alguns dias depois, Marco Tulio telefonou e disse que iriam soltá-lo. E assim foi. “Narciso chegou calado e nunca quis falar do que viu e ouviu enquanto esteve na Oban e no Deops, e muito menos contar se chegou a ser torturado.”

Narciso e Bordoukan perderam os empregos na Cultura. Alguns colegas tinham medo de lhes dar trabalho. Várias pessoas partiam para o exílio. O Turco não queria deixar a luta, mas era preciso sair um pouco de São Paulo. Serjão e Zé Hamilton (Ribeiro) partiram para Ribeirão Preto para fazer um jornal diário.

Então, Ruy Fernando Barboza, outro amigo de *Realidade*, convida Narciso e Georges Bourdoukan para montar um jornal no Paraná. O ex-governador do estado Paulo Pimentel, proprietário de um grande conglomerado de comunicação, queria fundar um diário com sede fora do eixo Rio-São Paulo. Prometia liberdade e independência total.

E lá foram a Londrina Ruy, Narciso, HAF (Hamilton Almeida Filho), Myltainho, o jovem José Trajano, que se juntara ao grupo, e outros. Até Vladimir Herzog pensou em passar um período na cidade. “Ele veio, ficou na minha casa, mas logo mudou de ideia e voltou para São Paulo”, lembra Bourdoukan.

Ficaram um ano com as famílias preparando a publicação para um grande lançamento. Em 1975, chegou o dia. Durou um mês. Depois de uma dúzia de edições, logo veio a intervenção. Uma árvore histórica da cidade fora cortada e Narciso fez a manchete de primeira página: “Assassino!” O autor do crime, amigo do dono, pediu mudanças nas matérias. A equipe incomodou mais depois de os repórteres descobrirem que indústrias fortes da região estavam poluindo o lago Igapó, que servia ao lazer dos londrinenses.

Kalili reclamou da independência prometida, como lembra Myltainho. “Narciso



LUIGI MANPRIM

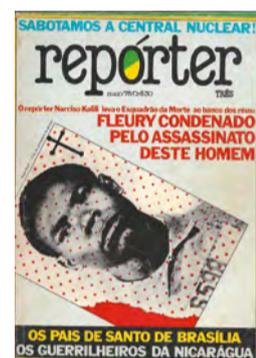
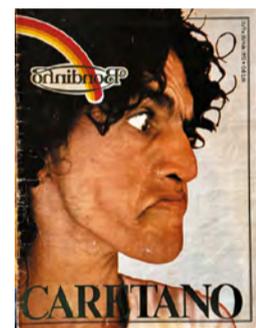
Foto de Luigi Mamprin para reportagem da *Realidade* (10/1967) sobre racismo mostra a reação à demonstração pública de intimidade entre Kalili e uma mulher negra. As capas: *Realidade* (8/1967), com Narciso de “diabo”; *Bondinho* (3/1972); e *Repórter Três* (5/1978)

de dedo em riste chamou Pimentel de mentiroso no meio da redação. O ex-governador respondeu: – Repete se for homem! O Turco não se intimidou: Mentiroso! Mentiroso! Mentiroso! O empresário foi pra cima. O pessoal teve que segurar... – Tá demitido!”

A turma toda assinou uma carta conjunta de demissão, e parte voltou para São Paulo. Narciso ainda ficou com Ruy mais um pouco para criar outro jornal, o *Viver*, um semanal de serviços de distribuição gratuita. Ao *Portal dos Jornalistas*, Ruy disse que a concorrência local era extremamente desleal. “Éramos acusados até de financiar o movimento estudantil, e perseguidos pela polícia política, sem qualquer motivo. Não resistimos.”

De volta a São Paulo, Narciso, HAF e Myltainho, que não haviam se desligado totalmente do ex-, retomam a redação. Divergem de Marcos Faerman, ex-repórter especial brilhante do *Jornal da Tarde*, que passou a tocar a publicação enquanto estavam fora. Faerman imprimira uma linha editorial mais literária e cultural, com enfoque na América Latina.

Com os três no leme, o último ex- é o histórico 16, da morte do Vlado. A reportagem foi escrita a seis mãos, disse Myltainho. “Narciso Kalili foi o pauteiro e orientador; HAF, repórter e chefe de reportagem; eu, responsável pelo texto final – resultado do trabalho de todos do ex- e de colegas que, corajosamente, nos procuraram pondo-se



REPRODUÇÃO

NARCISO KALILI FOI VELADO NO AUDITÓRIO VLADIMIR HERZOG, NA SEDE DO SINDICATO. UMA COROA DE FLORES DA EQUIPE DO UNIDADE TRAZIA OS DIZERES: “NARCISO, E AGORA: QUEM FAZ A MANCHETE?”

à disposição.” O trio espalhou repórteres pelos quatro cantos para apurar, investigar. A fotógrafa Elvira Alegre conta em depoimento, na reedição comemorativa do jornal, feita pelo Imprensa Oficial e o Instituto Vladimir Herzog: “Nunca é uma tarefa fácil fotografar enterro, e naquela situação era até muito arriscado, mas fui fazendo o meu trabalho, apesar do clima de tensão que é visível nas fotos. Acabei tirando

as fotografias mais importantes da minha carreira, e que estão entre as imagens mais significativas da nossa história recente.”

Era período de muito medo, e uma comissão de jornalistas foi pedir para que a reportagem não fosse publicada. Temiam que a ditadura endurecesse ainda mais. Palmério Dória lembra o que falou Mylton Severiano no dia: “Diziam que, se pediam que não publicássemos, era para nos proteger. Já nós achávamos que proteger seria publicar.” Ainda, Palmério: “O magnífico repórter Ricardo Kotscho, que estava no grupo de jornalistas que visitou o ex- naquela noite, me disse: ‘Vocês ampliaram os nossos limites.’”

Segundo Mylton Severiano, meu pai ficou escutando os pedidos da comissão de colegas por algum tempo, mas depois, já sem paciência, afirmou de maneira seca e dura que iriam publicar e pediu que se retirassem.

ex- 16 saiu com uma pancada na ditadura e a denúncia do assassinato de Vladimir Herzog. Uma ironia em cima do hino da proclamação da República: “Liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós”.

Cerca de 50 mil exemplares vendidos! O dinheiro, somado à gorda indenização que Paulo Patarra recebeu quando deixou a Editora Abril, foi injetado em um ex- 17. Mas a polícia apreendeu toda a produção, e impediu que qualquer outra saísse. Era o fim.

José Trajano também escreveu para a edição comemorativa do jornal. “No ex-, fui soldado raso. Mas o pouco que convivi foi o bastante para me tornar um sujeito mais consciente, mais ético, mais cético, mais humano. Foi a universidade que jamais frequentei. Dali em diante, podia bater no peito e gritar ‘agora, sim, sou um jornalista de verdade’. Devo isso aos inesquecíveis mestres Narciso, Paulinho Patarra e HAF, e toda a cambada.”

Jornalista “com lado”

O corpo de Narciso Kalili foi velado no Auditório Vladimir Herzog, na sede do Sindicato. Entre as muitas coroas de flores e faixas, uma, da equipe do *Unidade*, dizia: “Narciso, e agora: quem faz a manchete?” Ele era um ótimo ‘manchetista’. Uma vez disseram-me que, quando Lula foi solto, na época da ditadura, fez a manchete: “Ele voltou”.

Muito querido pela categoria, a carreta que seguia da rua Rego Freitas, 530, até o cemitério israelita, começava no início da Consolação e se estendia até a avenida Dr. Arnaldo.

O último texto, de nosso guerreiro, ele escreveu para a apresentação do livro de Caco Barcellos, *Rota 66*, pouco antes de morrer. É quase autobiográfico. “Caco Barcellos é um jornalista que tem lado. Aliás, lado que ele, desde o começo da carreira, no Rio Grande do Sul, nunca escondeu. Um lado que continua o mesmo —o dos mais fracos, o das vítimas.”

Sérgio Kalili é jornalista e diretor do Sindicato

BOLETIM

PLR: jornalistas em rádio e TV realizam campanha

A mobilização dos jornalistas em rádio e TV garantiu a reposição da inflação do período nos salários, mas a intransigência dos patrões não manteve a cláusula de PLR na Convenção Coletiva do segmento. Agora, o SJSP reivindica acordos diretamente com as empresas do setor e conta com a pressão da categoria para a abertura das negociações.

📍 <https://bit.ly/38cHZbf>

Doria segue expondo jornalistas em aglomerações

O governador João Doria (PSDB) segue expondo jornalistas e outros trabalhadores ao realizar eventos públicos em locais fechados e com centenas de pessoas durante a pandemia. Um dos episódios recentes foi em 23 de agosto. O SJSP já cobrou explicações e obteve respostas vagas.

📍 <https://bit.ly/3jsHGQ3>

Radialistas em greve na RedeTV!

Trabalhadores enquadrados como radialistas na RedeTV!, incluindo faxineiras, seguranças e secretários, não recebem reajuste salarial desde 2017 e nem o vale-refeição teve o valor corrigido. Com isso, a categoria decretou greve em 30 de agosto e recebeu o apoio do SJSP na luta pela recomposição dos salários e conquista de direitos negados.

📍 <https://bit.ly/3jsHCQj>

EBC: perseguição e irresponsabilidade

A jornalista Kariane Costa, da EBC, foi acusada de difamar e praticar crime contra a honra de gerentes e da diretora de Jornalismo da empresa, após encaminhar pedido de investigação à EBC diante de relatos de que empregados estariam sofrendo assédio moral. Os sindicatos de Jornalistas e Radialistas do DF, SP e RJ repudiaram. Além disso, as entidades solicitaram suspensão e reformulação das normas que regulam o retorno ao trabalho presencial na pandemia. O objetivo é evitar riscos desnecessários e garantir a segurança à saúde de todos.

📍 <https://bit.ly/3jITfsf>

Bolsonaro é condenado a indenizar jornalista

A segunda instância confirmou a decisão que condena o presidente da República, Jair Bolsonaro, a indenizar a jornalista Bianca Santana em R\$ 10 mil por danos morais, após acusar a profissional de escrever fake news durante uma transmissão ao vivo em seu canal de YouTube em maio de 2020. A matéria atribuída à Bianca Santana não foi escrita pela profissional.

📍 <https://bit.ly/3gtcUVq>

RESENHA

José Falero e a novíssima literatura brasileira

por João Marques

Dá muito trabalho escrever um romance, principalmente um bom romance, desses que têm os personagens bem construídos e uma história que prenda o leitor; já ouvi isso de amigas e amigos que se arriscaram a produzir os seus. O percurso de José Falero para elaborar, finalizar e publicar *Os supridores* (Todavia, 304 págs.), ilustra muito bem essa tese; não só pela dificuldade em criar, mas, também, pela exclusão, que fez da literatura brasileira, predominantemente, a voz da elite. Há exceções, resistentes históricos e, mais recentemente, movimentos de cultura periférica, que combinados com políticas públicas e investimentos em educação, fizeram surgir a chamada novíssima literatura brasileira, diversificando as vozes contemporâneas. Mas ainda é pouco e, se continuarem os atuais retrocessos, virão os efeitos nefastos, com o risco de a produção literária, em curto prazo, se tornar novamente exclusividade da elite.

Morador, desde a infância, da Lomba do Pinheiro, bairro da periferia de Porto Alegre, Falero teve que abandonar a escola aos 16 anos, para ajudar em casa; trabalhou em supermercado, de ajudante de pedreiro e porteiro. Adolescente, gostava das animações japonesas e começou a criar suas próprias histórias, inspiradas nos mangás e usando familiares e amigos

como personagens. Depois, aos 20, foi ler ficção e descobriu que “muita coisa só é possível por meio da literatura”; instituiu uma rotina de dupla jornada de trabalho — oito horas no emprego e oito lendo e escrevendo — e passou a produzir contos e a trabalhar num romance. Os contos viraram seu primeiro livro, *Vila Sapo*, publicado pela Venas Abiertas, em 2019; o romance teve três versões e levou dez anos para ficar pronto. No terceiro ano, colocou o primeiro ponto final e correu atrás das editoras, sem sucesso, reviu o texto e, insatisfeito, reescreveu o livro inteiro. Nesta última versão, modificou todos os diálogos, característica marcante da obra, que tem o narrador em terceira pessoa, seguindo a norma culta, e os diálogos em linguagem coloquial, com as gírias da periferia.

O protagonista Pedro mora no bairro da Lomba do Pinheiro, na Vila Sapo, extremo leste da capital gaúcha, e trabalha numa loja da rede Fênix de supermercados, no centro da cidade, era supridor (chamado de repositores em São Paulo). O percurso que fazia de ônibus, para ir e voltar, era longo, então aproveitava esse tempo, lendo; lia de tudo, até Karl Marx, e foi o filósofo alemão que o influenciou a tomar a decisão que mudou sua vida. “... o maior pecado é tu dissociar o dinheiro do trabalho, é tu fazer um dinheiro produzido por um trabalho ir parar nos bolso de quem não participou desse trabalho”. Pedro diz isso a Marques, numa longa conversa que tem com o colega, num dos capítulos iniciais do livro; fala de marxismo, de mais valia, das injustiças do sistema capitalista, da incapacidade em se mudar o mundo — “Já tentaram. Mas não funcionou” —, e resolvem ficar ricos também, mas sem explorar ninguém; montam uma espécie de cooperativa e vão vender maconha; depois disso vem uma longa história, dessas que prendem o leitor. ■

DICAS DE FILMES, SÉRIES E DOCUMENTÁRIOS

por Cineclube Vladimir Herzog

A Braskem passou por aqui: a catástrofe em Maceió

Carlos Pronzato (BRA, 2021)

Documentário revela crimes da empresa que explora minas de sal-gema. A ação já destruiu cinco bairros, atingiu 70 mil pessoas, prejudicou 4.500 negócios e desempregou 30 mil trabalhadores.

📍 <https://youtu.be/zBOJbOGcBwo>

The White Lotus

Mike White (EUA, 2021)

Comédia satírica criada e escrita pelo próprio diretor, série conta as experiências de hóspedes ricos durante estada no The White Lotus, um resort no Havaí.

📍 HBO Max

Saneamento trágico

Zazo (BRA, 2020)

Documentário traz denúncia do abandono do bairro da Levada, em Maceió, mostra degradação ambiental e péssimas condições da população do entorno da lagoa Mundaú.

📍 <https://youtu.be/tnwYZxCKdj8>

Antonia: uma sinfonia

Maria Peters (HOL, 2019)

Filme baseado na vida de Antonia Bríco, que, na década de 1930, enfrentou o preconceito e foi em busca do sonho de se tornar a primeira mulher a reger uma grande orquestra.

📍 Netflix

DICAS DE LEITURA**Minha poesia**

Sergio Leopoldo Rodrigues

Terra Redonda, 200 págs.

Coletânea de livros do jornalista e poeta das décadas de 1980 e 1990 (*Tal hoje, A fresta & o pó e A descoberta de L. e outros contos poéticos*) que transforma a vida que passa em poesia.

Kamba'race: afrodescendências no Exército brasileiro

Sionei Ricardo Leão

Fundação Astrojildo Pereira – 168 págs.

Inspirada na Guerra do Paraguai e nas biografias de onze generais negros, ex-militar e jornalista espera que obra promova debate racial no Exército.

Dano colateral

Natalia Viana Objetiva, 344 págs.

A partir de algumas operações do Exército, jornalista procura explicar danos que o uso crescente de militares em operações de segurança pública traz para a sociedade.

É sempre a hora da nossa morte amém

Mariana Salomão Carrara

Nós, 240 págs.

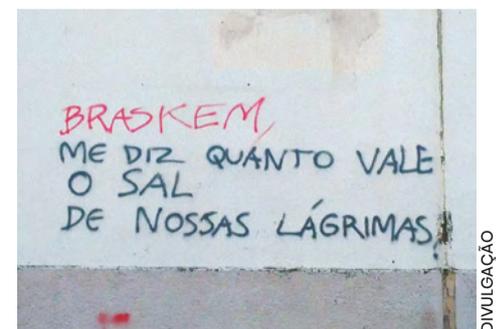
Em seu terceiro romance, escritora faz imersão nos pensamentos da narradora Aurora, encontrada vagando pelas ruas da cidade, e fala de memória e finitude.

O assassinato do jornalista suicida

Jorge Claudio Ribeiro

Planeta Azul, 145 págs.

Jornalista escreve ficção sobre a vida de Fernão Filho, repórter que se suicida aos 57 anos, interrompendo carreira na área policial. As investigações levam a final intrigante.



Exploração de minas de sal-gema provoca destruição de cinco bairros

The night of

Steven Zaillian (EUA, 2016)

Minissérie baseada na britânica *Criminal Justice*; homem é acusado de matar mulher com quem passou a noite, e complexas relações são reveladas na investigação da polícia de Nova York.

📍 HBO Max

SINDICAL



O presidente, Thiago, e a nova Diretoria Executiva: Candida, Cláudio, Lílian, Viné, Zé Eduardo, Larissa, Solange e Cris

Em ato virtual, nova diretoria do SJPSP toma posse

por Adriana Franco

“O Sindicato somos nós, é o nosso trabalho e a nossa luta de todos os dias. É a nossa identificação com os e as jornalistas do estado de São Paulo. Nos últimos anos, eu tenho certeza de que a categoria também entendeu o que é um sindicato e, principalmente, o que é o nosso Sindicato dos Jornalistas.” Foi assim que Thiago Tanji tomou posse e empossou a nova diretoria do Sindicato no ato virtual que ocorreu em 3 de setembro, um mês após ser eleita democraticamente com 97% dos votos.

O presidente empossado lembrou da responsabilidade de cada jornalista ao se tornar um dirigente do Sindicato, especialmente em representar toda a categoria, independentemente de onde estiver e a quais condições de trabalho estiver submetida. “Que em nossas reuniões miremos um objetivo ousado, mas factível, e que o nosso sindicato consiga ser uma referência para toda a categoria em todos os momentos: na luta sindical, na luta política e também em eventos culturais, em atividades de formação e nas boas ideias que surgem no diálogo constante com as sindicalizadas e sindicalizados”, desejou Tanji.

Antes da fala de Thiago Tanji, Paulo Zocchi, que presidiu a entidade por seis anos e meio, agradeceu a oportunidade e a confiança depositada: “Digo, de coração aberto, que foi muito gratificante poder me dedicar a construir e fortalecer nossa entidade durante esse período e me dedicar a defender os direitos dos jornalistas e a democracia em nosso país em tempo integral.”

Para Paulo Zocchi, a força do SJPSP está em sua construção coletiva, em que o rumo e a condução da entidade são realizados por toda a diretoria e, mais amplamente, pelo conjunto dos jornalistas sindicalizados.

Balanco

Zocchi aproveitou o momento para fazer um balanço da última gestão e ressaltou as principais ações sindicais do período recente, como a defesa da saúde dos jornalistas durante a pandemia, a defesa da democracia e o avanço nas condições materiais e políticas da organização.

Na luta pela garantia de condições sanitárias de trabalho durante a pandemia, o SJPSP elaborou um protocolo com medidas de segurança a serem seguidas pelas empresas, que contou com a colaboração da categoria e foi uma das ações primordiais nos últimos meses. Além do protocolo, o Sindicato atuou com o Ministério Público do Trabalho para cobrar que a saúde e a segurança dos profissionais fossem garantidas no exercício profissional.

Em defesa da democracia no país, Zocchi citou a atuação do Sindicato contra as agressões cometidas por Bolsonaro contra a democracia e contra os jornalistas, tanto no apoio ao pedido de impeachment formulado pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) como na ação de danos morais movida contra o presidente da República diante dos sistemáticos ataques contra jornalistas.

O avanço nas condições materiais e políticas do Sindicato foi pontuado com o reforço da sindicalização durante a pandemia, fato que demonstra a eficiência e eficácia na defesa da profissão. Para o ex-presidente do SJPSP, o aumento da sindicalização ainda é um desafio para a próxima gestão.

Mensagens à nova diretoria

Diversas entidades e personalidades do meio político e jornalístico participaram da posse, reforçando os desafios postos à nova gestão do Sindicato seja em defesa dos próprios jornalistas como em defesa da democracia.

Entre os participantes da posse estavam: Luiz Cláudio Marcolino, vice-presidente da CUT São Paulo; Maria José Braga, presidente da Fenaj. Enviaram vídeos: Vagner Freitas, vice-presidente da CUT; Luciana Santos, do PCdoB; Guilherme Boulos, do PSOL; Gleisi Hofmman, do PT; Beth Costa, do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC); e o jornalista Juca Kfourí. ■

CONHEÇA AS FORMAS DE MENSALIDADE DO SINDICATO DOS JORNALISTAS DE SP

PROPORCIONAL

para jornalistas com vínculo empregatício

1% DO SALÁRIO com TETOS de
R\$ 38 para o Interior, Litoral e Grande SP
R\$ 60 para a Capital

FIXA

R\$ 38 Interior, Litoral e Grande SP
R\$ 60 Capital

SOLIDÁRIA

Quantia voluntária com valor suplementar

PARA ACERTAR SUA FORMA DE CONTRIBUIÇÃO, ENTRE EM CONTATO: atendimento@sjsp.org.br ou (11) 94539-9699



COLUNA DO JUCA

A necessária Lei de Meios

por Juca Kfourí

QUEM ARGUMENTAVA QUE A LEI ERA UMA MANEIRA DE GARROTEAR O JORNALISMO, VIVE HOJE A PIOR PERSEGUIÇÃO JÁ VISTA EM TEMPOS DITOS DEMOCRÁTICOS

Por pura desonestidade intelectual, e por temor de cutucar a onça com vara curta, não seguiu adiante o debate sobre a necessidade da Lei de Meios no Brasil.

Desonestidade porque acusada como se fosse a implantação de censura à imprensa e temor porque, como explicou importante dirigente do PT, “quando está tudo bem é melhor não mexer com o que está quieto”.

A canhestra ideia de quebrar o sigilo fiscal da Jovem Pan pela CPI da Pandemia reaviva a urgência da discussão.

Curiosamente, quem argumentava que a dita lei era uma maneira de os governantes de então estarem em busca de garrotear o jornalismo, vive hoje a pior perseguição já vista em tempos ditos democráticos no país.

Nunca antes neste país tantos jornalistas foram agredidos pelo governante-mor e seus asseclas, assim como jamais se asfixiou tanto economicamente os veículos críticos ao governo.

Fantástico país, o nosso. Setores da direita viam censura na proposta da lei e parte da esquerda criticava o governo porque anunciava na imprensa que lhe fazia oposição.

Errava-se para todo lado.

Porque se não cabe ao Estado controlar a imprensa, ao contrário, cabe à sociedade ter como se defender de excessos intoleráveis — e tão mais democrático será o governo que estimule a crítica para se corrigir.

O meio termo é alcançável.

Mais do que não fazer sentido anunciar em quem deliberadamente mente, urge evitar que se prossiga na mentira.

É aceitável, diante da carência educacional brasileira, permitir a propagação de campanhas que ponham a validade das vacinas em dúvida em meio à pandemia? Que sabotem o uso de máscaras ou o distanciamento social?

É jornalismo dar espaço a um doidivanas que posa com revólveres e fuzis para atacar as instituições?

Sim, são perguntas com respostas difíceis, e encontraremos gente muito boa que as responderá positivamente.

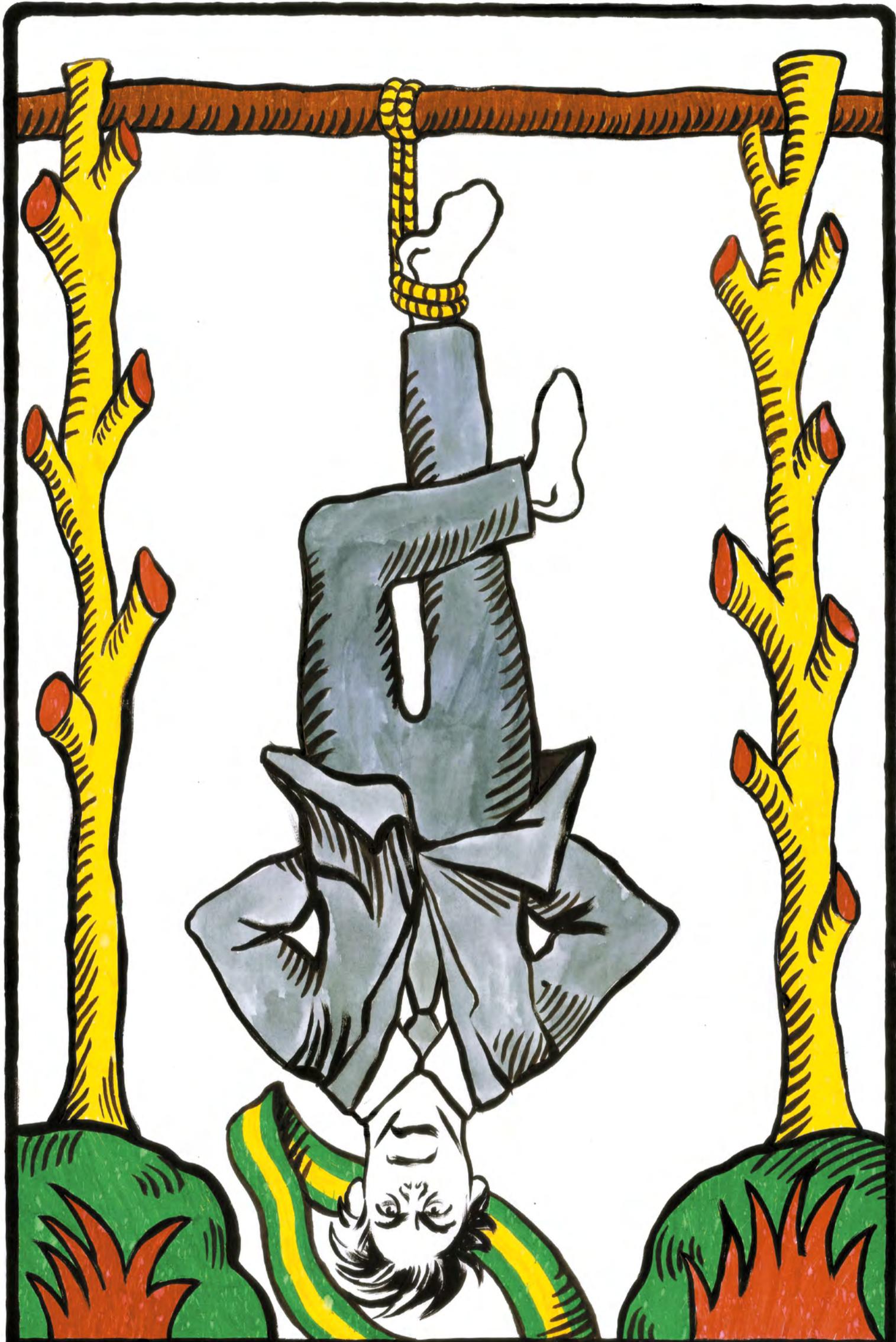
Pois então não será melhor permitir que a sociedade debata e julgue?

Há censura nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha, em Portugal, onde existem leis de meios? Evitar monopólios protege a sociedade ou a fragiliza?

Alberto Dines, insuspeito de ser a favor da censura, morreu defendendo a necessidade de uma agência para regular a mídia.

Por que temê-la? ■

TRAÇO LIVRE | por Mariana Waetcher



FORA BOLSONARO